



# DEUSES E LEGIÕES

MICHAEL CURTIS FORD

Tradução de Susana Serrão



ma

pa

*Para Eamon, Isabel e Marie*

De todas as grandes figuras da antiguidade, poucas há que sejam tão cativantes quanto enigmáticas, tão admiradas quanto aviltadas, como Flávio Cláudio Julião Augusto, o homem que ficou para a História como Julião, o Apóstata. Imperador romano que nunca pôs os pés em Roma e que falava Latim com muita dificuldade, general extraordinário e implacável que só pegou numa espada já era homem feito, o homem mais rico e poderoso do mundo, mas um solteirão que só comia vegetais e que dormia no chão — homem de profundas convicções e contrastes, e cujas crenças eram profundamente perturbadoras para amigos e inimigos. Em quase qualquer outra época do Império Romano, as suas cruzadas e excentricidades poderiam ter sido toleradas, talvez mesmo esperadas num imperador; mas a dele não foi uma época comum.

O séc. IV d.C. foi um dos períodos mais lancinantes da História europeia. Após uma sucessão de líderes fracos, invasões bárbaras e perseguições religiosas brutais, Roma produziu de repente um imperador — Constantino, o tio de Julião — que surpreendentemente se tornou cristão. Até essa altura, o Cristianismo fora culto principalmente de escravos e pobres, ora escarnecido ora ignorado, e contudo agora tornava-se na religião do Estado. Os antigos templos pagãos foram restaurados na qualidade de igrejas, muitos homens e mulheres das classes mais altas converteram-se à religião do imperador e começava a enraizar-se uma cultura nova; mas um império tão vasto como o de Roma não podia mudar num dia. Os Germanos e Godos continuavam a assolar o Ocidente, os Persas o Oriente, e o exército romano, especialmente nas poderosas legiões orientais, permanecia largamente pagão, fiel a divindades como o sanguinário e colérico deus-touro Mitras.

Foi neste contexto de rebelião, fervor religioso e guerras terríveis pelas fronteiras de Roma, pela sua própria alma, que Julião chegou ao poder, alguns dizem com relutância, outros pela própria astúcia. Foi um tempo em que o Império fazia um jogo de equilíbrio — o empurrão determinado e coerente de um líder forte poderia levá-lo a uma de duas direcções. Julião era esse líder, homem de acção e decisão, o imperador mais astucioso e obstinado desde Constantino, ou talvez antes dele, um homem com objectivos a alcançar.

E no mundo da Roma antiga, poucos eram os entraves e as considerações importantes que atrasavam/impediam um governante poderoso — por onde caminhasse o Imperador, o mundo segui-lo-ia.

*Aqueles a quem os deuses podem destruir  
Primeiro enlouquecem.*  
—EURÍPIDES





*De Gregório de Nazianzo, devoto servo da Igreja,*

*Ao Sumo Pontífice, Papa Sirício, amado por Deus e látego dos hereges, defensor da Verdadeira Fé e herdeiro do trono do abençoado São Pedro em Roma:*

*Que a graça e a misericórdia estejam convosco.*

*Como sabereis, o meu falecido irmão Cesário, físico competente e prestigiado na corte do falecido Imperador Constâncio, tinha em novo transferido os seus serviços profissionais para o rival e eventual sucessor do Imperador, o pagão e apóstata danado Julião. Não o fez por simpatizar com a causa ímpia de Julião (pois Cesário era inabalável na sua crença cristã), mas sim por aspirar a um avanço na sua carreira, e desejar converter o pagão dos seus esforços em suprimir a fé; deixo ao vosso cuidado, Eminência, considerar a prova dos seus motivos.*

*Trago à vossa atenção um diário que o meu irmão teve no final da vida, que usava como uma espécie de confessorário, e escondia com medo que as suas palavras caíssem em mãos indiscretas ou infiéis. Este diário trata de muitos aspectos da relação dele com o velhaco Julião, dos quais Vossa Senhoria poderá não saber. Junto tal documento a esta carta, e rogo-vos apenas que o guardeis com tanto cuidado quanto o conteúdo merece.*

*Deixo a Deus a decisão de castigar ou recompensar a alma de meu irmão pelos seus actos. Ele, e só Ele, sabia dos pensamentos e motivos ocultos de meu irmão, homem que eu prezava em vida mas que, desde que descobri este documento, tem sido uma fonte de inesgotável consternação para mim. Entrego-o nas vossas mãos para ficar livre desse fardo, seja ele de pecado ou santidade, como aqui descrevi e como será julgado por Deus Eterno.*

*Sempre vosso em Cristo,  
Gregório de Nazianzo, Bispo de Constantinopla*



LIVRO PRIMEIRO

# GÊNESIS

*Cautela para não fazerem de vós César,  
para não vos tingirdes com tal tinta...*

—MARCO AURÉLIO



ESCREVO SOBRE A GUERRA E SOBRE UM HOMEM, e sobre um homem em guerra, embora nem sempre tenha sido esse género de homem. Foi o mundo que o fez assim, que o moldou assim a partir de matérias fracas e pouco prometedoras, como uma escultura sublime feita do humilde barro do rio — e depois o mundo encolheu-se perante o que tinha feito, embora passassem muitos anos antes de saber fazê-lo. O destino de um homem é forjado pelos acontecimentos, decerto, pois não podemos evitar usar as coroas e cicatrizes que a sina nos concede na nossa vida. Porém, mais do que acontecimentos, é o próprio livre arbítrio de um homem que o faz — o reflexo e o eco dentro dele do próprio Deus que o criou. O livre arbítrio, como Deus, pode estar à altura das circunstâncias ou dos obstáculos que se enfrentam; como Deus, pode fazer do humilde grandioso, fazer de um rapaz fraco um homem forte, fazer de um estudante timorato o imperador do mundo. E como o próprio rival de Deus, Lúcifer, tal pode fazer com que ele bata infrutiferamente com os punhos no peito do próprio Criador, se assim o escolher com o seu livre arbítrio.

Numa noite sem luar, a mil e quinhentos quilómetros de casa, um exército esgotado dormia numa desolação descampada de pó e cinzas negras. Nem um ruído, da miríade de ruídos que um exército faz a descansar — cavalos a resfolegar, feridos a gemer, guardas a gritar por rendição — nem um perturbou os meus sonhos, de tão acostumado estava, que até os achava quase reconfortantes. Todavia, qualquer coisa, talvez uma corrente de ar a entrar na tenda, me despertou, embora permanecesse imóvel, caído na cadeira dura de costas altas onde passara por um sono agitado. Só os meus olhos se mexiam por detrás das pálpebras semicerradas, quando espreitei além da luz trémula da pequena lamparina.

Era uma deusa, de beleza sobrenatural, a pele e o cabelo a cintilarem com uma aura suave, ao passar pelos toldos silenciosos, abrindo caminho suavemente e sem esforço pelos mapas e livros sortidos espalhados no chão. Como um espírito, mal mexia os pés, desdenhando até olhar para baixo e ver onde pisavam, os olhos luminosos ignoravam-me e aos outros que dormiam agitados nos seus cantos, o olhar fixo nele; e vi que Julião também estava acordado e alerta, sentado no beliche, o corpo tenso e imóvel, a devolver-lhe o olhar sem pestanejar e sem medo.

No perfil dela, nos olhos marejados, havia uma tristeza profunda

impossível de descrever, uma mágoa inefável que iluminava a sua beleza como o luar na fachada de calcário branco de um templo. O vestido flutuava em redor dela como uma pluma, rodopiava-lhe nos pés, embora o pesado ar do deserto não deixasse nem um sopro de vento aliviar-nos do calor sufocante. O véu sobre a cabeça e a face, envolto como em alguém de luto, era de gaze, transparente como uma teia de aranha, e salientava, em vez de obscurecer, a suavidade do seu rosto e pescoço. As tranças, dispostas ao estilo antigo por baixo do véu, tinham o aroma da fragrância ácida da mirra que fora misturada no fixador. Eu estava sentado como uma pedra, as unhas a enterrarem-se-me nas palmas das mãos, quando ela se aproximou, suave como um salmo, silenciosa como uma oração.

Parou mesmo antes dos pés da cama e ficou imóvel um longo momento. Uma lágrima brilhante caiu-lhe lentamente pela face, e desapareceu na sombra aos seus pés. Julião olhava abismado quando ela estendeu os braços para ele, onde carregava um fardo, o que a princípio pensei ser uma criança, mas depois percebi que não era um ser vivo. Mostrou-lho e o rosto dele ensombrou-se — de desapontamento? Medo? — E quando ela se afastava o seu olhar demorou-se nele mais um breve momento, como se tivesse relutância em ir-se embora.

Voltou a atravessar o espaço numa cadência estudada, a cabeça inclinada com a mágoa, parou antes de sair pela porta, e para meu grande espanto, virou-se lenta e deliberadamente para mim, levantou o véu do rosto com uma mão e ergueu os olhos. Quando olhou directamente para mim, a expressão serena e amargurada passou subitamente a um esgar de malevolência e ódio tais que ofeguei e dei um salto, deixando cair com estrondo a cadeira onde estivera sentado. Nisto, a mulher velada desapareceu pelas dobras da tenda, tão silenciosamente quanto entrara.

A manhã chegou impossivelmente cedo, trazendo uma luz doentia à humanidade enferma, um mensageiro pálido de labuta e angústia. Levantara-se um nevoeiro amarelado, como costumava acontecer naquelas manhãs de Verão, uma humidade que não refrescava como as brumas da Gália que eu tanto adorara, mas fedorenta e maligna, pegajosa no calor que já se fazia sentir, embora o Sol mal tivesse nascido. O orvalho tornava a pele pegajosa e oleosa, o que, aliado ao fumo das fogueiras quase extintas e à fuligem no ar, nos cobria a cara com uma película irritante. Havia enxames de moscas e mosquitos por toda a parte, à procura de humidade nos cantos dos olhos e das bocas das pessoas, a enlouquecer os animais de carga com zumbidos e ferroadas incessantes, e juntando-se em nuvens mortíferas nos rabos nus dos homens que se agachavam nas latrinas fétidas, e que amaldiçoavam o ritmo descansado das suas entranhas. As tropas levantaram o acampamento num silêncio

ressentido, e antes que o Sol se visse acima do horizonte, já os batedores da cavalaria tinham desaparecido, além dos flancos do exército, numa nuvem de poeira pesada e estonteante. As coortes da frente e o resto das legiões não se atrasavam, carregavam bagagens e marchavam a passo rápido, os homens ainda a engolirem o pequeno-almoço seco de biscoitos que mais pareciam pedras.

Enquanto marchávamos, os persas, que tinham aprendido com derrotas anteriores às mãos das tropas de Julião a evitar batalhas campais, adoptavam uma estratégia de assédio às arrancadas, assombrando-nos a cada curva mas sem nunca se empenharem num ataque em larga escala. Dos vários pontos elevados víamos o exército do Rei Sapor, dividido em duas partes, cada qual a marchar em paralelo ao nosso, nos montes que nos ladeavam. A silhueta de milhares e milhares da infantaria pesada via-se no céu esbranquiçado e enevoado, guerreiros ferozes da Média, os reflexos das armaduras em escamas de peixe a encandear-nos, a entrarem e a saírem dos remoinhos de pó que as enormes forças de cavalaria persa levantavam, a trotar em formação cerrada à frente deles.

Na cordilheira da esquerda marchavam os corpos ondulantes dos elefantes indianos, monstros cinzentos e enrugados de altura gigantesca, cujo temível volume fazia as fileiras de soldados que marchavam à frente e atrás deles parecer anões. As bestas andavam arrastadamente, carregando pesadas plataformas nas costas, “torres” de paredes de couro enquadradas em madeira, cada qual com quatro arqueiros e lanceiros. Os animais estavam pintados de cores horripilantes, círculos e espirais em volta dos olhos, a adejar as orelhas vermelhas cor de sangue e orladas de negro. As placas de bronze polido que tinham nas testas exibiam cristas emplumadas rígidas e pintadas de carmesim. Tinham colocado uma enorme lança, como uma terceira defesa, com correias, ao peito de cada um dos monstros, e mais correias com picos que brilhavam em redor das pernas. Tinham armaduras reluzentes e braceletes na cabeça e nos ombros, e palas nos olhos, que os obrigavam a só ver em frente, para evitar distrações com actividades paralelas. Os animais eram liderados por um macho enorme, que tinha pontas de lança de bronze nas defesas amareladas de dois metros e meio. O vento vinha na nossa direcção, e trouxe o fedor das bestas, que estava ainda pior por causa do sebo que os persas lhes tinham posto para evitar fissuras e escaras naquele calor desértico. Era notório que os nossos cavalos estremeciam e se encolhiam.

Trotei para junto do Imperador que cavalgava de olhar vazio e ombros curvados, perdido em pensamentos.

— Julião — disse eu. — Os homens não combateram elefantes. Os Gauleses nunca viram nenhuns, tirando ao longe.

Despertou com grande esforço, e olhou prudentemente para a cordilheira, onde a coluna parecia pairar sobre nós, as sombras quase a chegarem à nossa coluna de marcha. Depois olhou para mim, e viu-se um sorriso fraco por baixo da barba rija e cheia de pó.

— Cesário — sempre aflito, sempre organizado, eh? Se ao menos os meus generais se preocupassem tanto com o meu bem-estar quanto o meu médico. Há quanto tempo somos amigos — oito anos, dez? Com a tua ajuda conquistei a Gália e a Germânia, contigo a meu lado fizeram-me imperador! Saqueámos todas as fortalezas persas no Eufrates, e derrotei as guarnições do Rei Sapor debaixo das muralhas do próprio palácio. Os homens estão no seu auge, Cesário, são como cães de caça a cheirar sangue persa! Fizeram-se sacrifícios aos deuses esta manhã, três bois. Os augúrios foram favoráveis desta vez, os fígados são — os deuses agora estão connosco! Cesário, eu vi os fígados, desta vez os deuses estão connosco...

Estava outra vez a divagar, e apressei-me a acalmá-lo, não de súbdito para imperador mas de amigo para amigo, de médico para paciente — de soldado preocupado para o seu general louco.

— Há oito anos que estamos juntos, Julião — disse eu —, desde que nos conhecemos em Atenas. Deus tem sido bom para nós. Não obstante... os elefantes.

Julião olhou para mim, focou os olhos com dificuldade, os lábios mexeram-se como se fosse dizer qualquer coisa. Continuei antes que me interrompesse.

— Os homens estão nervosos e os cavalos assustadiços. O exército não tem experiência com tais bestas. Precisamos de um plano.

Tornou a olhar para a cordilheira. — Não têm experiência — murmurou, e depois levantou a cabeça abruptamente. — Mas não passam de animais! Já li sobre eles, Cesário. — Parou um momento, para recordar as lições de estratégia e táctica militar que assimilara anos antes, sob a tutela de Salustiano. — Os persas usaram elefantes contra tropas romanas em Nisibis, há treze anos. Mataram muitos dos nossos homens, mas depois desataram num frenesi entre os deles, e devastaram as fileiras persas. Olha — vêes os condutores? O Rei Sapor aprendeu bem a lição.

Tentei lobrigar além da névoa. Cada elefante da coluna tinha um condutor de magra compleição e armadura a guiá-lo, empoleirado precariamente na parte de trás da cabeça da besta. Assenti.

— Indianos — continuou Julião. — São quem sabe melhor como controlá-los. Cada qual ata um espigão comprido e forte ao pulso esquerdo. Se o elefante perder o controlo, o condutor espeta-o no pescoço do animal, na base do crânio, rachando assim as vértebras e matando o animal. E levam marretas de madeira para espetar mais fundo.



— Mas isso derruba os homens que estão na torre também. Cair de uma altura daquelas...

Julião encolheu os ombros. — É assim mesmo. São esmagados ou mortos. Antes eles, na ideia do Rei, do que uma coluna inteira das próprias tropas no meio da batalha.

— Então como é que lutamos?

Continuou a cavalgar em silêncio mais um pouco, antes de se virar para mim outra vez.

— Porcos.

— Porcos, Julião?

— Dizem que os elefantes têm pavor de porcos a guinchar. Besuntam-se de gordura, pega-se-lhes fogo e depois mandam-se a guinchar para o meio das pernas dos elefantes.

Parei para considerar esta sugestão extraordinária — quer se baseasse em factos quer fosse produto de uma loucura.

— Já não temos mais porcos — disse eu, à cautela, e com algum alívio.

Julião suspirou. — Então resta-nos esperar que Sapor mantenha as tréguas.

Marchámos durante cinco horas naquela manhã, por um vale desolado conhecido localmente pelo nome de Maranga, completamente armados e em formação de batalha, por um caminho sem pista que só era visível para os nossos batedores árabes. A terra tinha sido devastada pela guarda avançada de Sapor, de modo a impedir-nos de conseguir cereais ou caça, e a paisagem era de pesadelo — sem cor alguma, salvo tons de cinza, o pó que assentava em todos os objectos, que suavizava o negrume dos cotos e arbustos calcinados, ainda em brasa aqui e ali ao longo do caminho. Elevava-se uma névoa de cada homem que marchava, cada passo levantava uma rajada de cinza preta e fina que assentava nos dedos dos pés e se misturava com o suor que escorria pela cara e pescoço abaixo. Os homens estavam sequiosos e vacilantes debaixo daquele calor implacável e a tensão de vigiar constantemente os exércitos do Rei nas cordilheiras acima de nós, que, com indumentária mais fresca e leve e habituação ao calor, pareciam exasperantemente repousados e enérgicos. Tínhamos os flancos fortemente guardados por cavalaria e infantaria pesada, mas o terreno acidentado dispersara-nos a formação, e a coluna de marcha agora estendia-se por mais de cinco quilómetros, da frente à retaguarda.

De súbito, ouvimos um barulho ao longe atrás de nós, o som débil de trombetas e os gritos agudos, como se femininos, de cavalos feridos. Julião, a cavalgar ao lado de Salustiano e vários outros conselheiros mesmo à minha

frente na vanguarda, galopou para fora da coluna de marcha e volteou com o cavalo, a tentar lóbrigar a retaguarda através da névoa.

Os gritos que os arautos transmitiram pela coluna fora trouxeram as novas em segundos.

— Os persas atacam na retaguarda! Cavalaria e infantaria ligeira!

Julião esperava mais aviso dos persas, normalmente desajeitados. Ao arrepio das suas próprias ordens, tirara a armadura por causa do calor, e agora só parava para puxar o elmo para baixo, que estava pendurado nos ombros, e para agarrar no escudo de um oficial de cavalaria ali perto. Bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo e galopou para a retaguarda, ao longo da coluna e na direcção do tumulto, a gritar ordens para que o exército continuasse a marcha mas ficasse de sobreaviso.

Saí da coluna e lancei-me também com os seus guardas e generais, meio cego com a poeira pesada que levantavam, e em momentos estávamos perto da retaguarda. A avaliar pelo clamor aterrador e a nuvem de pó à nossa frente, já se travava uma batalha declarada. Fomos rodeados por massas tempestuosas de homens carrancudos, de pele negra e luzidia, que corriam para a retaguarda, na confusão de ajudar os camaradas. Julião inclinou a cabeça, perscrutou a poeira em busca de um oficial que lhe soubesse dizer o que se passava, quando fomos sobressaltados por outra trombeta, desta vez por detrás de nós, em direcção à frente da coluna.

— Mas que demónio...? — Resmungou Julião, quando Salustiano rodopiou e galopou de volta de onde acabáramos de cavalgar. O oficial que lhe emprestara o escudo foi ao seu encontro. Salustiano conferenciou com ele brevemente e depois esporeou a montada até Julião, que ainda tentava abrir caminho na mole de gente para chegar à retaguarda.

— Senhor! — Chamou Salustiano. — Sapor ataca à frente também!

Julião parou e fez o cavalo rodopiar, o rosto sujo contorcido pela raiva.

— Pelos deuses! — Gritou. — Salustiano, vai tu, volta para a frente! Ainda temos tréguas com os persas — Sapor pagará pela traição!

O cavalo deu um salto e ele precipitou-se de volta à pista, contra a vaga de homens em fuga que, ao ouvirem os gritos frenéticos de Salustiano, saíam apressadamente do caminho para evitar os cascos do cavalo do Imperador.

Chegámos à retaguarda, depois de atravessarmos o espaço que havia entre as duas extremidades do exército, e de nos juntarmos às unidades cansadas de tropas que marchavam resignadamente para a frente. Nisto fomos sobressaltados por mais trombetas, desta vez desvairadas e frenéticas, do que pareciam ser dúzias de instrumentos, nem atrás nem à nossa frente, mas directamente ao lado. Uma enorme nuvem de pó surgiu da cordilheira

onde estavam as tropas persas do nosso lado esquerdo. Tentei ver alguma coisa naquela névoa espessa e discerni o brilho do armamento, elmos e pontas de lanças a avançarem a uma altura impossível relativamente ao terreno. As trombetas aterradoras continuavam, ainda mais alto, e as tropas atrás de nós ficaram paralisadas de assombro e terror com o que viam — uma brigada dos elefantes de guerra do Rei, que carregavam sobre nós a uma velocidade inigualável a qualquer besta ou máquina sobre a Terra.

Ao som pavoroso dos elefantes, os cavalos romanos empinaram-se, reviraram os olhos de terror, e até a montada bem treinada de Julião quase o atirou para o pó. A aparição horrenda dos elefantes, as mandíbulas escancaradas e o cheiro nauseabundo, apavoravam homens e animais, e quando a coluna de bestas se aproximou, a terra tremia fisicamente com o peso terrível daquelas patas que mais pareciam cepos. Carregaram direitos ao centro da nossa coluna que estava em pânico, com os condutores precariamente empoleirados na base do pescoço das bestas, a olharem para nós com esgares malévolos, os dentes brancos a brilharem no negrume das suas caras.

As bestas meteram pela nossa fileira, enraivecidas pelos gritos das nossas tropas aterradas. Os homens desbarataram, a tentar salvar a vida, enquanto os elefantes se empinavam no meio deles, a barrirem, a esmagarem uma e outra vez os cadáveres que tinham espezinhado até não passarem de manchas escuras na terra enfarruscada. Das defesas pendiam membros e troncos de romanos, inertes e a escorrer, esporeando as bestas ainda mais na sua raiva sangrenta. Os arqueiros nas torres acima de nós lançavam saraivadas de flechas aos nossos homens, atingindo-os onde estivessem e criando assim filas de feridos agonizantes, que os elefantes se apressavam a esmagar ou a colher nas defesas e despedaçar com as mandíbulas. Quando os nossos gauleses finalmente conseguiram sair da mira do marfim reluzente, os condutores manobram destramente as bestas para longe da carnificina e formaram uma fileira para prepararem outra carga sobre as nossas tropas reunidas e aterrorizadas. Atrás deles, a descer implacavelmente a cordilheira em formação cerrada, vinha um enorme corpo de infantaria persa, a soltar o seu grito de batalha ululante, a preparar-se para carregar e acabar a destruição começada pelos elefantes, assim que as terríveis bestas terminassem o seu trabalho.

Quando os elefantes retiraram e voltaram a entrar em formação, Julião mergulhou na concentração das suas tropas, de energias renovadas, os olhos coruscantes com uma intensidade quase aterradora por trás da viseira do capacete de batalha. O homem estava em toda a parte, a rodopiar e a querenar o cavalo como um possesso, a gritar palavras de encorajamento, a dispor as tropas em formação cerrada, a berrar instruções para derrotar

os monstros quando voltassem a atacar. Os gauleses olhavam para ele, mas engoliram o medo e o impulso de fugir para o deserto, obedecendo-lhe com a precisão militar que ele lhes instilara em anos de campanhas. Ergueram os escudos, baixaram os piques de pontas de bronze, e quando a nuvem negra da batalha assentou nas nossas cabeças, virámo-nos para ver a renovada investida dos elefantes.

E ela não se fez esperar. Lideradas pelo enorme macho, a bocarra vermelha escancarada e os lábios a adejar, as bestas carregaram sobre a nossa coluna, vinte ou mais delas, ombro a ombro em filas de quatro. Uma trazia um soldado romano, empalado, na carga anterior, pela barriga na lança que a besta tinha no peito, as pernas e a cabeça do homem a balouçarem com as passadas ondulantes do animal, os olhos sem vida a olharem para a frente para os camaradas, como um espantalho sangrento. Avançaram, a barrir, a terra a tremer, e quando se aproximaram, os homens calaram-se e retesaram-se.

— Aguentem as armas! — Gritou Julião, os lábios contorcidos numa espécie de esgar ou careta tresloucada, a mirar os brutamontes que avançavam, as palas forçando-os a olhar a direito para o grosso da legião romana. — Aguentem! — Repetiu, a voz mais alta, e o terrível fedor dos animais a invadir-nos as narinas, misturado com o cheiro fétido do sangue e dos excrementos que nos cobriam os pés e o chão à nossa volta. — Aguentem!... Quando eu disser...

— AGORA!

Quando os elefantes carregaram furiosamente no meio de nós, as filas de homens apartaram-se de repente como um pergaminho rasgado, as duas metades das coortes a saltarem freneticamente para as laterais, deixando nada mais que terra vazia no meio, à medida que os elefantes enraivecidos corriam para a passagem deixada entre os homens, e derrapavam, confundidos.

Instantaneamente as tropas soltaram um rugido que abafou os barridos das bestas iradas, que viravam as cabeças, atordoadas, a tentar espreitar pelas palas e discernir a origem do barulho.

— Piques! — Gritava Julião, embora a ordem fosse supérflua, esmagada pelos berros das tropas furiosas. Uma centena, cinco centenas de lanças pesadas voaram em simultâneo à queima-roupa, penetraram na pele grossa dos elefantes com o ruído de um corte, e enterraram-se nos flancos e nas costelas. As bestas empinaram-se, a agitar as patas da frente e as defesas com o medo e a agonia, e os arqueiros nas torres pararam de atirar e tentaram agarrar-se àquelas sinistras plataformas balouçantes.

Incentivados pelo sucesso, os homens apertaram o cerco aos animais enraivecidos, rodearam cada um deles e cortaram o contacto de uns com

os outros. Os soldados que tinham mantido ou recuperado os piques carregaram sobre as patas dos elefantes, que não paravam quietas, pela retaguarda e fizeram cortes na parte de trás de todo o corpo, enlouquecendo ainda mais os elefantes, que tremiam e batiam as patas num esforço desesperado de dissuadir os torturadores. A torre no macho enraivecido pendia-lhe precariamente do dorso, quase horizontal de um dos lados, enquanto os persas lá dentro se agarravam aos postes; nisto a correia da cinta partiu-se, e a geringonça caiu no chão, onde ficou numa pilha de couro, madeira e braços e pernas partidos. Vinte gauleses avançaram para acabar com os arqueiros desgraçados, mas afastaram-se quando o elefante fez o trabalho por eles, vingando-se dos anos de treino e tormento que os donos lhe tinham infligido, quando saltou para cima da estrutura caída, esmagando-a e aos sobreviventes até estes deixarem de gritar.

Ouviu-se um clamor entre as tropas romanas quando a primeira das bestas tombou, a chorar e a barrir com os tendões dos joelhos cortados. Os condutores já tinham perdido o controlo das montadas aterradas, e por toda a parte espetavam as enormes lanças de ferro no pescoço das bestas condenadas. Um por um foram caindo, ao som dos gritos de triunfo dos gauleses, que pareciam enxames em cima deles, ainda antes de tombarem. Um condutor mal treinado espetava freneticamente uma e outra vez o couro do pescoço do animal, de cada vez martelando a lança mais fundo, num esforço vão de dar com o ponto fatal. Outro elefante embateu nele com um berro terrível, e depois um terceiro, criando assim uma parede, uma montanha latejante de carne sanguinolenta, a dar pontapés e a agitar a tromba. Os romanos atiravam-lhes lanças e flechas, e um dos animais, que varria tudo cegamente com a tromba, agarrou num condutor morto de cima do pescoço de outro elefante, levou o tronco do homem aos enormes lábios e começou a despedaçá-lo membro por membro no próprio estertor da morte.

Ao ver que a carga dos elefantes fora repelida, o corpo da infantaria persa, que já se aproximara até à beira das nossas colunas, parou de súbito numa confusão, os oficiais sem saberem se haviam de continuar o ataque ou retirar para a segurança da cordilheira. Julião não hesitou. Virou a atenção das tropas para longe dos elefantes moribundos e para o perigo maior que enfrentavam com os persas na retaguarda, e organizou rapidamente uma carga. As tropas romanas uivavam por vingança pelos camaradas mortos, escudos e armas cheios de sangue persa e de elefante. Saltaram para o inimigo, à espadeirada, o sangue a jorrar no pó imundo que estava agora juncado de pernas e braços cortados, e já não havia demarcações na batalha, pois os dois lados haviam-se confundido completamente, um a tentar salvar a vida, o outro a tentar aniquilar liminarmente o inimigo. Uma

nuvem negra ergueu-se no ar denso e abrasador, tapando a vista das alturas, obscurecendo a direcção da retirada, impedindo os persas de identificarem o caminho para a segurança, excepto pela sensação do chão debaixo dos pés ao tentarem subir para o topo da cordilheira.

Salustiano há muito que fora desviado para outra parte do campo, e até a escolta da sua guarda gaulesa se dispersara. Corriam freneticamente pela poeira fora, em busca do seu Imperador, a gritarem para ele se libertar da perigosa arremetida de persas em seu redor. Só eu tinha conseguido ficar perto, e mesmo ao fazer o cavalo rodopiar naquela tempestade de pó, e ao atacar a massa inimiga que investia de todos os lados, os meus olhos nunca o deixaram.

Julião ignorava a prudência, carregando irreflectidamente para o meio da batalha, instando os homens a continuarem. Os persas aterrados rodeavam-no e ao seu cavalo, parecendo não saber que o soberano do Império Romano andava à espadeirada no meio deles. Um medo enorme, sobrepondo-se ao pânico dos camaradas, saltou para o cavalo do Imperador, e abraçou o pescoço do animal num esforço para o fazer cair e ao cavaleiro. Julião espetou a sua enorme espada até ao punho por baixo da clavícula do homem, e depois tirou-a, semeando a morte, metade da espada quebrada ainda no pulmão do homem. O medo olhou-o um momento, aturdido, depois vomitou sangue, e caiu do pescoço do cavalo no chão debaixo dos cascos afiados.

Foi substituído momentos depois por outro agressor raivoso, que saltou da refrega para se agarrar à perna do Imperador, enquanto batia no escudo dele com a espada, em busca de um espaço para espetar a lâmina. Julião batia uma e outra vez na cara do persa com o punho da espada quebrada até que, quando os ossos do crânio se despedaçaram no cérebro, o homem soltou as garras e caiu no atoleiro mais abaixo. Julião levantou a espada quebrada em triunfo, a berrar sem sentido, e o cavalo rodopiou sobre o cadáver do persa, a espezinhar e a mutilar o tronco do homem com os cascos. Eu nunca vira o Imperador acometido de tal violência, tão enlouquecido com a matança. Estava tão absorvido, tão envolvido naquela exibição de brutalidade que perdera o sentido da batalha e do perigo que o rodeava.

De súbito, vi uma mão levantada entre a multidão, um dedo a apontar para Julião que cortava caminho pelo inimigo, e um momento depois uma lança fina e aguda, um dardo usado para lançar ao inimigo a meia distância, emergiu do mar de elmos de bronze, com pontaria e directamente para o Imperador. Precipitei-me com o cavalo, quase esmagando os soldados que tinha à frente, sempre de olhos postos no projectil. Zarpou pelo ar, a cauda a tremer um pouco antes de encontrar o ímpeto e o alvo, e depois espetou-se

no flanco de Julião, desprotegido sem a placa que se esquecera de colocar antes de se apressar a supervisionar a batalha. Como um pássaro atingido no céu pela seta de um rapaz, caiu do cavalo e para fora da minha vista, e desapareceu debaixo dos pés dos persas que fugiam e dos romanos que os perseguiam, continuando o cavalo sem cavaleiro, como se não tivesse dado pela perda. Desmontei e corri freneticamente pela mole de gente até onde o vira tombar. Misericordiosamente, passado um momento de busca, encontrei-o.

Para meu espanto, não fora pisado pelos cascos aterrados que o rodeavam, nem sequer se magoara na própria queda. Contudo, contorcia-se na terra e agarrava-se à lança. A ponta mal lhe penetrara no corpo, dado que se tinha encaixado na costela mais abaixo. Ajoelhei-me ao lado dele, a agitação à nossa volta amainou e a retirada dos persas transformou-se em debandada geral. As tropas romanas já tinham passado por nós e perseguiam o inimigo pela cordilheira acima, a escortanhar as pernas e as costas dos persas, como haviam feito aos elefantes.

Apareceram três guardas a cavalo, os rostos pálidos mesmo com tanta sujidade, e olharam para o Imperador que gemia e se contorcia no chão.

— Médico! Onde é que o feriram?

Tirei as mãos de Julião da lança. A arma ligeira, atirada de perto, fizera-lhe um golpe de raspão que penetrara tão ao de leve que as faces cortantes e farpadas da ponta ainda estavam fora do corpo. Se os ganchos tivessem penetrado, teria sido terrível tirar a ponta da lança sem rasgar a carne e os órgãos vitais; mas mesmo assim, tinham feito cortes fundos nos dedos e nas palmas das mãos do Imperador, onde ele agarrara a ponta para a tentar arrancar da costela. O cabo também se tinha partido junto ao ferro com o impacto, tal como era suposto, para impedir que o inimigo pegasse nele e o voltasse a usar.

— Vou tratar dele — disse eu, numa voz muito mais calma do que me sentia. — Não fiquem tão perto com os cavalos — podem pisar-nos se eles se assustarem. Formem uma coluna em direcção à cordilheira para impedir os persas de voltarem e nos esmagarem. Levá-lo-emos para o acampamento daqui a pouco.

Os guardas assentiram, aliviados por receberem ordens concretas, viraram as montadas e galoparam várias centenas de metros rumo à cordilheira, chamando os camaradas para formarem com eles uma barricada. Acalmaram os cavalos na nuvem de pó que amainava lentamente, vendo a batalha a afastar-se deles e ouvindo os vivas dos vencedores romanos, que continuavam à espadeirada nas costas do inimigo em retirada.

Voltei para perto de Julião, que já desmaiara com as dores. Tirei-lhe

rapidamente o capacete, o metal quase quente de mais para se lhe poder tocar, e caiu um fio de suor de dentro. Depois virei-me para a ponta de seta espetada na costela. Agradei em silêncio por ele estar inconsciente, apoiei a mão esquerda cuidadosamente na caixa torácica dele, agarrei na ponta com a mão direita e dei um puxão rápido e seco.

Apesar do esforço para a puxar a direito, fiquei surpreendido com o peso da barra de ferro; o encaixe fez efeito de torção, e ouvi um estalido na costela enfraquecida quando a arma saiu. Julião mexeu-se, o braço direito agitou-se cegamente e a boca contorceu-se numa careta mesmo desmaiado. A ferida sangrou profusamente, embora não mais do que seria de esperar naquele caso, e o sangue era vermelho e brilhante, o que era bom sinal.

Ergui a ponta da lança à minha frente e observei a silhueta simétrica e mortífera contra o céu pálido. Olhei demoradamente para ela, a belíssima suavidade e negritude com que fora forjada, as farpas cuidadosamente equilibradas, o gume afiado da lâmina que nada sofrera com o recente impacto na dureza do osso, mantendo a eficácia, o potencial mortífero ainda por realizar...

Olhei para o doente inconsciente, o rosto cheio de suor e terra, a expressão de sofrimento, e hesitei. Havia muito mal no mundo. Havia votos e juramentos que não se podiam encarar com leviandade. Não é frequente que um homem comum, um médico humilde, tenha ocasião de afectar o curso da História, e pedi a Deus coragem para merecer a oportunidade. Olhei para os guardas, certifiquei-me de que tinham isolado a área e que mantinham vigilância contra a possível recorrência de um ataque dos persas.

Depois debrucei-me para terminar o trabalho.

## II

MAS JÁ ME ADIANTEI MUITO, MEU IRMÃO, pois este é verdadeiramente o fim da minha história, e não o princípio, e terei de voltar a ele quando for altura. A minha única desculpa é que foi este acontecimento grave que me levou a pensar em registar as minhas ideias sobre o assunto. O início cronológico é o único sítio apropriado para começar uma narrativa, pois é assim que começam as próprias Escrituras — *In principio*... Longe de mim comparar este diário apressado aos nossos textos sagrados, mas certamente que será aconselhável tentar imitá-los. Por conseguinte, começemos novamente este esforço, desta vez não em conclusão da nossa história, mas nos seus alicerces, nas próprias raízes — no princípio.

Foi em Atenas que os nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez,



como bem sabes, pois também lá estavas, o Pai tinha-te mandado estudar filosofia na Academia. Eu, por feliz coincidência oportuna, tinha referências do Imperador Constâncio, primo mais velho de Julião, para os doutos médicos da cidade, em reconhecimento dos meus estudos em Alexandria e do meu futuro promissor como médico da corte do Imperador.

Ficámos no mesmo quarto, eu e tu, em instalações modestas mas suficientes, perto do malcheiroso mercado do peixe, embora fossem poucos os momentos que passávamos realmente juntos. Tu andavas absorvido por debates eruditos, sentado no telhado do apartamento a disputar questões obscuras de teologia até de madrugada, e jejuavas semana sim, semana não. Eu, por outro lado, andava mergulhado na corporalidade e sordidez da medicina, percorria as ruas em busca de temas de estudo ou estava até aos cotovelos no pútrido recheio abdominal de uma vítima recente da peste na sala de autópsias. Não tinha tempo nem pendor para o reino efêmero e espiritual onde tu moravas, ao passo que tu, por outro lado, não tinhas vontade de te envolveres na imundície e no êxtase da minha existência mundana.

Conhecemos Julião ao mesmo tempo, por meio do mesmo pequeno círculo de contactos mútuos. Ele e o seu guardião Mardónio estavam alojados quase duas ruas vizinhas à nossa, e ele frequentava as mesmas tabernas, casas de pasto e banhos públicos que nós. Quase desde o momento em que eu e Julião agarrámos nos ombros um do outro em saudação que reconhecemos uma ligação, um elo que ia além dos níveis normais das amizades e alianças mutáveis. Vimos um no outro honestidade e sinceridade, desejo de verdade e conhecimento, desdém pela frivolidade; em suma, uma pureza, se quiseses, incomparável ao que predominava no círculo genérico dos nossos conhecimentos. Agora parece-me estranho recordar aqueles tempos, mas quase nem me lembro do tempo antes de conhecer Julião, embora já fosse adulto quando o conheci.

Como tu, meu Irmão, ele era filósofo, seguia muitos dos teus caminhos intelectuais, e era em simultâneo um sensualista como eu, buscava o conhecimento da astronomia e das artes curativas. Porém, as diferenças entre eu e tu, meu Irmão, tornam-se verdadeiramente aparentes, a começar pelas nossas impressões pessoais sobre ele, pois, quando falámos sobre ele anos mais tarde, descobri que nem sobre a aparência física dele concordávamos. Enquanto eu via um homem de estatura média, não sem alguma graça, com olhos inteligentes e um nariz recto e aristocrático, tu vias um olhar louco e inquieto, e narinas que respiravam ódio e desdém. Onde outros viam a compleição de um atleta e um porte régio na cabeça e nos ombros dele, tu previste que nada de bom poderia vir de um homem com uma cabeça tão instável e uns pés tão manhosos. Onde eu vi uma barba

bem aparada e na moda, um cabelo limpo e uma boca carnuda e sensual, tu viste soberba e desprezo nas suas feições, pensamentos insensatos e desordenados, opiniões formadas sem bases na razão ou moral. «Que monstro,» escreveste tu, «o Império Romano alimenta no seu seio». Talvez seja incorrecto da minha parte queixar-me, já que os teus pressentimentos quanto à sina de Julião foram certamente mais exactos do que os meus. Até a escumalha em Antioquia, anos depois, que se ria ao vê-lo cavalgar nas ruas, e lhe chamava Cécropes, um dos gorilas míticos de Zeus, por causa da barba de símio e dos ombros largos, tem mais razões do que eu para se gabar da verdade das suas impressões. Todavia, naquele tempo, ele merecia mais piedade do que medo, mais admiração pelo seu intelecto do que escárnio pelo dogmatismo obstinado, e eu prezava a sua amizade, como ainda estimo a sua memória.

A família dele — pai, tios, até o irmão Gallo — foi assassinada pelo primo, o Imperador Constâncio, assim que chegaram à idade adulta ou a um cargo que representasse uma ameaça na paranóia do Imperador. Só Julião sobreviveu, devido à opinião que o Imperador tinha dele, de ser um pacóvio inofensivo que só se interessava por filosofia e livros, e talvez também pela protecção dos primeiros guardiães, o virtuoso Marco de Aretusa e o seu irmão asceta. Estes homens bons criaram o pobre rapaz num ambiente cristão devoto nos claustros silenciosos do seu mosteiro, imbuindo-o do espírito de exemplos tão emocionantes como o santo Nicolau de Mira, o santo padroeiro das crianças, que até em pequeno se dizia ser tão piedoso que cumpria os jejuns cristãos recusando-se a mamar no peito de sua mãe, para grande espanto e ainda maior desconforto dela, e a criança mártir Santa Lúcia, que morreu nas perseguições do Imperador Diocleciano, e cujo retrato nos ícones a mostra a sorrir beatificamente, com os lindos olhos numa taça a seu lado.

Nunca havias visto um viajante mais ingénuo do que Julião chegar a Atenas. Fora tão salvaguardado pela protecção esmagadora dos seus tutores que a ignorância dele ao chegar àquela cidade mundana foi quase cómica. Até chegar a Atenas, a sua vida haviam sido as Escrituras e Homero, e talvez a sua falta de mundanidade possa explicar por que razão talvez fosse o único homem inteligente em toda a Atenas que não estava profundamente desapontado com as glórias deslavadas da cidade. Antes pelo contrário, gabava a sua sorte, como se decorresse a comemoração de um grande festim, citando a sua preciosa *Iliada* ao ter ganho «ouro por bronze, o valor de uma centena de bois pelo preço de nove».

Não obstante, para alguém tão abstémio como Julião nos prazeres sensuais, era extraordinariamente aberto quanto aos espirituais. Antes de o conhecer, ele passara vários meses a estudar em Pérgamo e Éfeso, antigos

centros de conhecimento pagão e magia negra, onde ganhara o gosto pelo lado mais exótico da espiritualidade humana. No entanto, foi obrigado a manter-se discreto, por deferência para com o seu papel como parente varão mais próximo de Constâncio, o Defensor da Cristandade, que não sabia muito bem se seria sábio permitir que seitas pagãs praticassem os seus antigos ritos. O Imperador, cristão devoto, tinha no passado castigado duramente funcionários que mostrassem interesses pessoais nos deuses dos seus antepassados, e não teria visto com bons olhos o mais ínfimo rumor do interesse de Julião em tais questões.

Apesar dos ditames do Imperador, o povo continuava a respeitar os costumes antigos/seculares. Nesse Outono, como acontecera em mil Outonos passados, as ruas e praças do templo de Elêusis, a vinte quilómetros de Atenas, enchiam-se de multidões de adoradores a celebrarem os Grandes Mistérios, a reconstituírem o mito das duas deusas Deméter e Kore. Esta era talvez a única ocasião durante o ano em que os cultos antigos conseguiam recuperar as glórias de outrora. O resto do ano, a dedicação de um padre ao serviço dos deuses pagãos equivalia à miséria e à fome, a pedir esmola e a instar os transeuntes a voltarem às antigas religiões, de balde.

Contudo, a cerimónia dos Grandes Mistérios era diferente. Executava-se uma série de ritos preliminares abertamente nas ruas: a procissão pública dos iniciados no santuário de Elêusis, a sua purificação na baía de Falero, e outros ritos secundários. Julião, evidentemente, só podia observar estas celebrações públicas dos mistérios de Elêusis de longe, como espectador. Porém, o interesse erudito que tinha no acontecimento não o deixava evitar completamente a participação, «para fins de pesquisa», como ele dizia, embora não lhe faltasse alguma rebeldia juvenil às restrições do Imperador, desconfiava eu na altura. Procurou em segredo o principal ministro do rito, o hierofante, convenceu o velho da sua sinceridade em querer ser apresentado à comunidade de adoradores eleusianos, e conseguiu autorização para participar mesmo em vários dos rituais secretos culminantes. A cerimónia onde esteve durou três dias e realizou-se no interior do santuário. Quando ma descreveu depois, fiquei espantado.

— Julião — tu és cristão! — Exclamei. — Porque participas nessas práticas pagãs? — Toda a ideia me desagradava ao extremo.

Ele encolheu os ombros, não sem uma ponta de desafio, como se tivesse apenas incorrido num excesso de vinho sem misturas. — Sou erudito, não sou partidário religioso. Demando a compreensão. Decerto que não me queres recusar isso.

— Mas arriskas-te não só a perder a cabeça se Constâncio souber, mas também a corromper a tua fé.

— Disparate — retrucou ele. Pela maneira como começou a ficar corado e agitado, percebi que tinha tocado num ponto sensível.

— Estudo o Paganismo assim como o Cristianismo porque me interesse por ambos — continuou. — Até Séneca disse que devemos ter por hábito visitar o campo inimigo — para reconhecimento, claro, não para desertar. O culto dos deuses antigos é a história da nossa cultura — Cesário, é a nossa cultura! Foi de tudo isso que saíram os nossos triunfos — a literatura, o teatro, a arte. Mil anos, talvez dois mil, de glória! O Cristianismo é o presente. É praticamente novo, e não tem tido efeitos culturais. Olha só as proporções — não há nada para um erudito estudar, nem um erudito cristão!

— Podias estudar as Escrituras, para começar — repreendi eu, mas ele nem ouvia.

— As Escrituras, Cesário, desde os oito anos que estudo as Escrituras. Mas não sou padre. A minha vocação é ser erudito, filósofo. Diz-me tu — a que devo dedicar o tempo para ser um homem culto e sábio? A dois milénios de glória, embora seja glória pagã? Ou a uma geração de Cristianismo desde que o meu tio Constantino o legalizou? Uma única geração — uma geração que viu todos os varões da minha família assassinados por cristãos.

Protestei quanto à conclusão que ele queria dar. — Não podes culpar o Cristianismo pelas mortes de teu pai e irmãos — desafiei. — Não foi triunfo do Cristianismo, mas sim ausência dele.

Aqui vi a expressão de Julião suavizar-se, e começou a rir-se a despropósito. Percebi, com algum embaraço, que o meu semblante e as minhas palavras traíam o mesmo nível de seriedade que me tinha espantado nele momentos antes. Todavia, para ele as minhas palavras moderadas eram cómicas. Isso só contribuiu para me irritar mais.

— Não te ponhas com sofismas comigo, Julião — continuei. — Se só queres argumentar, não estou para isso. Se quiseres treinar as tuas aptidões retóricas, escolhe outro tópico que não a religião — ou vai ter com o meu irmão Gregório. Caso encerrado.

Numa tentativa de o afastar de estudos tão desagradáveis, e para que se concentrasse nos milagres mais mundanos do Deus Uno e Verdadeiro, convidei-o para assistir a uma das minhas autópsias clandestinas, o que aceitou com satisfação, para minha surpresa. Os nossos objectos de pesquisa eram recolhidos com alguma irregularidade, quando eu ou os meus colegas tínhamos a sorte de saber da morte de um indigente algures na cidade. Só muito raramente conseguíamos um cadáver em excelentes condições para a pesquisa, pois a nossa busca implicava sempre uma corrida contra as outras escolas de medicina da cidade, que eram muitas, e a Igreja. Já discutimos

isto, meu Irmão, como os presbíteros cristãos ficam escandalizados com o que pensam ser a profanação dos mortos pelas escolas de medicina. Quanto a mim, acho que não deve haver nada mais sagrado do que desenvolver o conhecimento e raciocínio médico do Homem, que deve ser a base da fé verdadeira e duradoura, para melhor servir os vivos. Julião ficou chocado e depois encantado com o ar ilícito daquilo tudo.

Nesta ocasião, felizmente, consegui poupá-lo à corrida louca pela cidade ao saber da morte de um indigente, e ao regresso clandestino, a escondermo-nos em becos com o cadáver o mais bem embrulhado possível em trapos e lençóis, para evitar o contacto com padres de olho vivo e outros observadores não favoráveis à causa da ciência. Atenas acabara de sair das garras de uma epidemia de cólera, e pela primeira e única vez que eu soubesse, a pequena cave do meu estúdio médico estava bem abastecida de sujeitos apropriados ao exame. Seis ou sete, aliás, tinham entrado só nos últimos dias, e colocados apressadamente em caixas de pinho. Num esforço algo descuidado de conservação, tentávamos manter a temperatura constante nas caixas colocando aparas de madeira e serradura nos corpos, que arranjávamos na carpintaria da porta ao lado, em troca das quais o carpinteiro, na brincadeira, nos fizera prometer que *nunca* recolheríamos o seu corpo se alguma vez o encontrássemos na rua.

Quando eu e Julião, e mais alguns, chegámos à porta da escola nessa noite à hora combinada, fi-lo jurar que manteria sigilo, e descrevi rapidamente o procedimento a que estava prestes a assistir, para que não sentisse desnecessariamente choque nem repulsa. A nossa missão naquela noite era verificar a observação feita três séculos antes pelo físico Ápio, de que o corpo humano contém um nervo delicado que começa no dedo anelar esquerdo e vai até ao coração. É por essa razão, dizia ele, que é mais apropriado escolher tal dedo e não outros para usar aliança, face à estrita relação que existe entre ele e o órgão principal.

Todavia, um ou dois dos meus colegas expressaram a sua hesitação em deixar um estranho como Julião ver o nosso trabalho. Pharo, um jovem pagão alto e magro de Alexandria que alegava descender de uma longa linhagem de sacerdotes egípcios e que, por conseguinte, sabia mais da conservação dos mortos, fez ouvir as suas objecções. Expliquei quem era o convidado.

— Pharo — não é só um amigo; é primo do Imperador. Se compreender e aprovar o nosso trabalho, poderá ser-nos útil no futuro.

O egípcio olhou do alto do seu nariz longo e aristocrático para Julião, pestanejando cepticamente. — Até podia ser Ra, o deus do Sol. Não está certo que ele assista ao procedimento.

Fiquei aborrecido com o desrespeito notório de Pharo, mas

quando olhei para Julião este não parecia nada descoroçoado. Após várias negociações e discussões apressadas no meio da rua, o egípcio finalmente encolheu os ombros de má vontade. — Muito bem — disse —, mas Cesário — a nossa segurança pesa sobre a tua cabeça.

Assegurei-lhe de que assumia a responsabilidade e depois destranquei a porta.

Entrámos e tacteámos pelas escadas abaixo na escuridão, ajudados pela luz difusa da meia-lua que brilhava debilmente por uma janela alta e estreita. Só acenderíamos a lanterna no último momento, para evitar que transeuntes curiosos reparassem, e depois apagá-la-íamos assim que o procedimento apressado estivesse concluído.

Pelas regras tácitas do nosso grupo, nas alturas em que éramos bafejados com mais de um cadáver para estudo, os alunos primeiro tinham que usar o mais antigo, ou seja, o que estivesse há mais tempo na cave, para evitar desperdícios. Fiquei desanimado quando um dos alunos me recordou que tal queria dizer que, apesar da recente colheita frutífera nas ruas da cidade, tínhamos que executar os nossos exames num tipo que tinha morrido há uns bons oito dias. Embora a cave fosse fresca, e ele tivesse sido cuidadosamente embalado em serradura, eu não estava nada ansioso pelo cheiro e a decomposição do cadáver, e avisei Julião do que estava para vir.

Retirámos a caixa selada da prateleira, colocámo-la na mesa de exame debaixo da luz difusa, e um forte fodor a podridão exalou das fendas nas tábuas. Não obstante, continuei, e quando tive dificuldade em tirar os pregos da tampa, pedi a Julião que destapasse o âmbar que trouxéramos selado num pequeno vaso cerâmico, e que acendesse uma vela de sebo para termos luz. Houve uma pausa enquanto ele tentava abrir o recipiente às escuras, e depois Pharo gritou: — Parem! — Em pânico, quase nos fez saltar. Depois de mandar calar todos para ouvir atentamente o som de passos do lado de fora da porta, virei-me para Pharo muito aborrecido.

— Mas para que diabo foi isso?

— Não acendas a vela — disse ele. — Abre a caixa e deixa que o gás se dissipe primeiro.

— Gás? — Perguntou Julião, nervoso. — Cesário, tinhas dito que estava morto.

— Gás das aparas de madeira, seu pateta — replicou Pharo em tom sibilante. — A matéria orgânica cria gás quando apodrece. Até os camponeses alamanos ignorantes sabem disso — por isso é que guardam os cereais em celeiros arejados. Vais sentir o cheiro do gás quando abrires a caixa. O cadáver também produz humores pelo mesmo processo. A combinação dos dois pode ser perigosa.

Eu ri-me disto. — Mas que absurdo! Julião, acende a vela.

— Espera! — Tornou Pharo, desta vez com mais urgência. Os olhos grandes brilhavam-lhe, num contraste feérico com a pele escura e as sombras da sala. — Eu também pensava como tu, Cesário, até que, no ano passado, abri um caixão da mesma maneira, com uma vela perto para ver o cadáver. A chama reavivou-se e houve um barulho como de uma rajada de vento, que apagou completamente a vela. Fiquei cego por momentos, e quando pude voltar a acender a vela e ver a caixa, vi que o relâmpago tinha queimado o pêlo todo no corpo do homem. Pelo menos foi mais fácil dissecá-lo. Infelizmente, fez o mesmo à minha cara. Durante três semanas confundiram-me com um eunuco da Síria. Acredita, é melhor deixar o gás dissipar-se.

Ouviam-se risadas abafadas em redor da mesa e continuei rígido, a pensar se devia deixar passar em branco esta história extravagante. Nesta altura, infelizmente, Julião já estava farto. Com os olhos muito abertos a brilharem na luz fraca, pediu-me desculpas e que o deixassem ir-se embora. Consenti, e ele saiu tão silenciosamente como entrara, a sufocar a náusea que sentia com o cheiro avassalador. Embora esta ocasião tenha dado azo a grande divertimento entre os meus colegas durante semanas a fio, parece-me que também estive na origem da considerável estima, talvez até medo, que Julião tinha pelas competências e conhecimentos dos médicos.

Quem me dera que me tivesses o mesmo respeito que ele me tinha, meu Irmão.

### III

JULIÃO FICOU EM ATENAS MENOS DE UM ANO. Quando no meio do Verão foi inesperadamente convocado pelo Imperador para ficar ao serviço dele na sua residência de Milão, a ordem não foi nada bem-vinda. No dia em que Julião a recebeu, saiu dos seus aposentos atarantado. Só com grande dificuldade o consegui encontrar horas mais tarde, prostrado na obscuridade do Pártenon perante a enorme estátua de Atena, a tartamudear qualquer coisa.

— Cesário — disse em voz rouca, sentando-se assustado e olhando em volta quando lhe toquei no ombro. — Que fazes aqui?

Perscrutei-lhe o rosto por sinais de doença, mas descontraí-me quando nada vi.

— Gregório disse que saíste de casa com ar de boi que levou com o machado do magarefe. Tenho andado à tua procura, meu amigo — mas este seria o último lugar em que me teria ocorrido encontrar-te. — Olhei

desconfiado para Atena, e depois sorri e bati-lhe alegremente no ombro. — Julião, vais para Milão! A corte imperial! Se Constâncio tivesse mesmo ideias malévolas, não te voltava a chamar. Que mal haverá nisso?

A cara de Julião ficou vermelha de raiva. — É louco! Matou-me o pai e o irmão — e convida-me para *ficar ao serviço* dele em Milão? Não serei... nenhum *brinquedo*, Cesário, como um rato! Porque não manda simplesmente os esbirros dele virem cá e fazerem o trabalho limpinho? Cobarde e louco!

Revirei os olhos perante tanto melodrama, mas na verdade Julião tinha razões para estar lívido, sabendo que a mesmíssima convocatória tinha levado à tortura e execução de seu irmão Gallo, vários anos antes. Sem dúvida que também desconfiava que as suas investigações indiscretas no culto dos antigos tinham finalmente chegado aos ouvidos do Imperador. Pus-lhe a mão debaixo do braço e levantei-o, preocupado para que ele não arranjasse mais problemas ao ser visto assim, prostrado frente à imagem de um deus pagão. Olhou em volta com ar feroz, fincando os pés teimosamente, como se estivesse determinado a ficar e a negar aos assassinos a ocasião de o encontrarem na rua, a recusar-lhes ao menos essa satisfação.

— Julião — sussurrei com brusquidão —, vais chamar a atenção sobre ti assim perto de Atena. Já sofreste que chegue para um só dia, e sem dúvida que os deuses também já estão fartos de ti. Vem, levo-te a casa. Uma taça de vinho vai fazer-nos bem.

Não se mexeu, no chão de mármore em frente à estátua, a olhar para o rosto dourado polido, antes de finalmente volver os olhos para mim, e num grande gesto com o braço, indicou o vasto santuário, cheio de colunatas e obscuro, que o rodeava.

— Só queria um sítio bonito — disse em voz rouca —, um monumento, o lugar mais evocativo de Atenas, para levar a recordação comigo para Milão, no caso de... no caso de...

Vacilou e eu não quis insistir. Dei-lhe uma palmadinha no ombro e indiquei a porta. Ele recompôs-se e, com grande dignidade, saiu do templo e desceu as ruas íngremes até aos seus aposentos, onde fez as malas rápida e silenciosamente.

Dado que nessa altura eu já tinha praticamente terminado os meus estudos, e devia voltar à corte do Imperador para dar conta das minhas novas aptidões e competências, ofereci-me para o acompanhar na viagem. Por questões de conforto, optámos pela deslocação por mar na primeira parte da viagem, e passámos muitas horas a recordar as experiências de cada um, já que tínhamos quase a mesma idade, mas tivéramos vidas tão diferentes até então. Numa das ocasiões fiquei assustado com as perguntas dele.



— Fala-me de Constâncio — disse ele.

— Que tem ele? — Perguntei à cautela. — Os actos como imperador são do domínio comum. Além disso, tu viste-o no ano passado, antes de ele te mandar para Atenas.

Julião abanou a cabeça sombriamente. — Não é verdade. Estive na corte mas só muito brevemente, e ele nem uma só vez esteve comigo. Passei o tempo todo a defender-me das coscuvilhices ciumentas dos eunucos dele, que me diziam desobediente e a conspirar contra ele. Acho que ele simplesmente se fartou dos meus pedidos de audiência e se quis ver livre de mim, e por isso me deixou partir para estudar em Atenas.

Fiquei abismado com isto. — Então nunca viste o teu próprio primo, o Imperador?

— Desde pequeno, não. Quando eu era rapaz, ele parecia um deus para mim. Mais tarde, fiquei a saber o que tinha feito à minha família... — De repente, parecia avesso a dar voz aos seus pensamentos, e olhou por cima do ombro, prudentemente. — Tu és médico dele, Cesário. Examina-lo todos os meses, e à mulher dele, Eusébia. Decerto sabes mais das suas forças e fraquezas, físicas e psicológicas, do que qualquer outro homem.

— Não tenho presunções a conjecturar da sua psicologia — disse eu, à cautela — nem da Imperatriz. Ela na verdade não permite exames físicos, faz meras perguntas acerca das suas funções corporais, enquanto se examina por detrás de uma cortina espessa.

— Muito bem, limita-te então às aparências — que aspecto tem ele? A imagem que tenho está toda desfocada.

Nisto hesitei, meu Irmão, pois fazer uma descrição diplomática de Constâncio a um parente próximo não é tarefa fácil. Tu nunca o viste, pois se tivesses visto, terias percebido a minha dificuldade. Talvez a melhor maneira de lhe descrever a aparência seja fazer uma breve digressão, lembrando o tempo em que eu e tu éramos rapazes, e íamos com o pai e a mãe em peregrinação a Roma para conhecer o Sumo Pontífice Silvestre, que ia confirmar a investidura do nosso pai como bispo. Lembras-te da enorme estátua do Imperador Domiciano que fora erigida há dois séculos, na rua que vai dar ao Capitólio, do lado direito de quem vem do Fórum? O comportamento monstruoso de Domiciano deixara os Romanos com tal mau gosto que, depois de ele ser assassinado, o Senado deu ordens para que o corpo dele fosse escalavrado em bocadinhos; nem assim acabou a indignação para com ele. Decretaram uma *damnatio memoriae*, uma ordem em como o nome do Imperador não devia permanecer em monumento algum, nem retratos ou estátuas dele sobreviverem. Em cada inscrição em toda a Roma, e realmente em todo o Império, o nome dele foi apagado, e o resto do texto deixado intacto. Não há nenhuma imagem dele no mundo,

salvo essa única estátua de bronze, que sobreviveu devido a uma reviravolta macabra.

A mulher do Imperador, Domícia, era de boa estirpe, e altamente respeitada, ou pelo menos temida. Há quem diga que ela nunca fez mal a ninguém, nem consentia nas maldades do marido, e quem desconfie que foi ela a orientar o assassinio do marido, e, assim sendo, terá cometido o pior dos pecados mortais, embora por uma boa causa, que a terra lhe seja leve. Seja como for, o Senado tinha-lhe muita estima, e depois da morte de Domiciano, convidaram-na a pedir o que entendesse. Ela só pediu uma coisa: que a deixassem levar e enterrar o marido, e erigir uma réplica em bronze. O Senado concordou, e a viúva architectou um plano. Recolheu os pedaços da carne do marido, reuniu-os penosamente à semelhança do original, e depois coseu e atou aquela engenhoca grotesca toda. Mostrou-a aos escultores, e disse-lhes que fizessem uma estátua de bronze que o retratasse tal e qual ele estava naquele momento.

Daí, meu Irmão, o estranho aspecto daquela estátua, visível até por baixo dos anos de sujidade e erosão acumulada quando a vimos em pequenos: a cara torta e deformada, os olhos focados em diferentes direcções, um braço e uma perna aparentemente mais compridos do que os respectivos membros, que eu atribuí à falta de conhecimentos anatómicos da viúva, e a ter talvez encaixado várias partes cruciais erradamente. Daí a minha dificuldade em descrever a Julião o seu primo mais velho, pois Constâncio sempre me causara a mesma impressão, de partes do corpo reunidas à pressa com o que estivesse à mão: a enorme corpulência; a cabeça pequenina delicadamente em cima dos ombros sem pescoço aparente, como uma ervilha em cima de uma abóbora; as coxas igualmente grossas, que afunilam sem se perceber porquê abaixo do joelho, em pernas de galinha e pés quase de criança; os olhos pequeninos e porcinos que não perdiam pitada, e que de facto dardejavam constantemente de um lado para o outro, sinal de uma mente extraordinariamente inteligente e inquisitiva; e as mãos suaves e sensíveis que escondem a força tremenda dos braços e do peito. Como médico, nunca deixei de me espantar com aquele estudo de contrastes nos exames que lhe fazia todos os meses.

Mas como descrever isto a Julião? Resolvi ser honesto na descrição, mas não tão brutal como fui agora para contigo.

— O teu primo já não está no auge da vida — respondi. — Lembra-te que já passou dos quarenta, já não é novo. Está obeso e sua e grunhe como um javali, mesmo só a andar ou a levantar-se da cadeira. Está desesperado por ter um herdeiro, que Eusébia ainda não foi capaz de lhe dar, embora ela esteja na flor da vida, pouco mais velha do que eu e tu, e seja uma beleza esplendorosa.

— Talvez a Imperatriz seja estéril? — Perguntou Julião com simpatia, embora também com curiosidade.

— Talvez — mas acho que o problema está no próprio Constâncio. Digo-te porque confio na tua discrição, e porque se mo ordenasses, teria de to dizer de qualquer forma. O Imperador tem um testículo que não desceu, e o outro inchado do tamanho de uma laranja da Numídia, bócio, talvez, ou cancro, um estado de coisas que o torna muito defensivo. Ele culpa abertamente Eusébia por não conceber, e a Imperatriz está cada vez mais perturbada, mas para mim é claríssimo que a concepção não é uma possibilidade.

Após uma semana a velejar sem incidentes, chegámos ao velho porto agostinho de Fano, o ponto onde a Via Emília que vem de Milão chega à costa. Tínhamos à nossa espera uma berlina pequena mas luxuosa, com seis carregadores da Trácia conduzidos por um centurião carrancudo. A perspectiva de viajar mais de trezentos quilómetros por terra, para Milão, sozinho naquela geringonça claustrofóbica, possivelmente para a própria morte, era de mais para Julião. Despachou o centurião, para desgosto deste, e quis cavalgar, comigo a seu lado. Comprou cavalos no mesmo dia em que chegámos de barco, e partimos imediatamente. O centurião insistiu em seguir-nos com os carregadores da berlina, para cumprir as ordens que tinha de Constâncio de levar Julião em segurança para a cidade, pelo que pelo menos tirámos partido da situação para guardar a bagagem no compartimento dos passageiros, o que nos permitiu viajar sem peias e fazer vários desvios pelos Apeninos e pelo vale do Pó, até chegarmos finalmente a Milão, em Setembro, várias semanas depois da data prevista para a chegada dele.

Aparentemente irritado com este atraso, Constâncio recusou-se a recebê-lo quando ele chegou ao palácio, mandando dizer somente que o primo devia instalar-se numa antiga *villa* que o Imperador possuía no campo, a doze quilómetros de Milão. Julião nem teve tempo para tomar uma bebida fresca antes de o centurião ter ordens para dar meia volta e levá-lo da cidade. Chegámos mesmo ao cair da noite, e ao lusco-fusco, a velha mansão não deixava de ter algum encanto. Embora estivesse desabitada há anos, os extensos jardins e pomares dentro dos sinuosos muros de pedra tinham tido uma manutenção cuidadosa, e ofereciam inúmeros cantinhos e bancos à sombra para ler e estudar em sossego. A casa propriamente dita, embora silenciosa e abafada pelos anos de abandono, estava em boas condições. A única nuvem naquele pequeno horizonte era a incerteza de saber quanto tempo Julião teria de ficar ali antes de poder voltar a estudar, ou antes de o Imperador o despachar, fosse de que maneira fosse.

Julião e eu percorremos os vastos corredores e átrios, enquanto

ele ficava embasbacado com o luxo ou escarnecia do desperdício. Por fim, instalou-se num pequeno gabinete, uma antessala da bem fornecida biblioteca.

— Fico com esta sala — disse ele, com simplicidade.

— Muito bem, senhor — disse o mordomo. — Para seu gabinete, presumo?

— Para habitar — replicou Julião. O mordomo ergueu uma sobrancelha, desconfiado. — O catre contra a parede, se faz favor, a mesa e a cadeira no meio, um bacio atrás do biombo naquele canto. A biblioteca fica além daquelas portas. Arrendem o resto da *villa*, ou queimem-na, tanto se me dá. Não me verão em mais nenhuma sala. Que sítio melhor há para passar os últimos dias do que uma biblioteca?

O mordomo retirou-se, a abanar a cabeça de assombro.

Nessa primeira manhã, quando Aurora iluminou a terra com o archote de Febo e afugentou a humidade e a sombra da noite — Ah, Gregório, até a esta distância, nesta data tardia, consigo ver-te a franzir o sobrolho a estas palavras que escrevo.

«O Sol nasceu noutra dia», disseste-me tu quando eu era rapazinho, ao corrigires os meus exercícios de composição. «Escreve só: “O Sol nasceu noutra dia”. Porque é que tens de confundir as tuas palavras com embelezamentos falsos de um simples facto da natureza? É um nascer do Sol! “O archote de Febo”, realmente».

Eu apaguei penosamente a frase ofensiva e com rebeldia adolescente comecei outra vez: «Quando Aurora, deixando a cama de açafrão de Titão, encheu a terra de nova luz, o Sol brilhou, e o mundo inteiro se aclarou...»

Voltaste a repreender-me depois de reveres o trabalho. «Eu disse-te que escrevesse “O Sol nasceu noutra dia”. Porque me desafias com esta porcaria rebuscada?»

«Porque é bonito», respondi eu com petulância. «É descritivo, faz lembrar Homero e Virgílio».

«Homero e Virgílio. Qualquer cristão sensato escreveria simplesmente “O Sol nasceu noutra dia”, e deixava-se destes disparates pagãos».

«Mas porquê?» teimava eu. «Lá por sermos cristãos, temos de desprezar a beleza?»

Tu suspiraste, cheio de paciência. «Claro que não, Cesário. Ao simplificar, ao recorrer aos princípios básicos, não desprezas a beleza, enaltece-la. A beleza é a verdade, e ao escrever a verdade, pões a beleza em destaque. Salientas a Criação de Deus na sua forma mais pura».

Devo ter feito um ar triste, a olhar para o manuscrito cheio de garatujas onde trabalhara tantas horas, pois suavizaste a voz e puseste-me o braço no ombro.

«No fim de contas», continuaste, «a forma mais simples de escrever é a mais feliz — pois reconheces que não há nada maior do que a obra de Deus, nem as meras palavras podem melhorar a derradeira beleza do mundo. Um homem não pode expressar mais alegria na criação, mais optimismo na perfeição do Reino que há-de vir, do que escrevendo simplesmente “O Sol nasceu noutra dia”».

Em princípio, meu Irmão, eu concordei — não obstante, então e talvez até agora, a minha vontade de me expressar na pureza e simplicidade por vezes era suplantada pelo prazer perverso de te aborrecer.

Nessa primeira manhã, quando Aurora iluminou a terra com o archote de Febo e afugentou a humidade e a sombra da noite, Julião assustou-se com a multidão de criados que entrou em acção ao som estrepitoso de um gongo. Entraram de supetão no quarto dele, com baldes, panos do pó, escadas e bancos para chegarem ao tecto, varas com esponjas a escorrer na ponta, espanadores e vassouras. Perguntou receosamente se havia obras de melhoramento na *villa*, mas quando o mordomo o informou orgulhosamente de que aquela era a rotina de limpeza diária concebida para garantir a higiene dos aposentos de Julião, o jovem apavorado despachou rapidamente aquele exército de criados e disse-lhes que só voltassem aos aposentos dele se ele os chamasse especificamente — coisa que não tencionava fazer nunca. Passava os dias fechado no quarto, só saía para fazer as orações diárias na capela da *villa*, cantadas pelo velho e alquebrado presbítero que fazia parte da mobília, tal como a estatuária dos jardins ou o bacio do quarto. Só tinha a companhia da enorme quantidade de livros da casa, e só me via a mim e à criada velada que Eusébia destacara para o seu serviço, que cozinhava coisas simples, e não raro más, embora Julião mal reparasse na qualidade, e que entrava no quarto dele várias vezes por semana para levar algum sentido e higiene ao notório desleixo dele.

Um belo dia de calor, estava a repariga a mexericar por detrás dele enquanto ele a ignorava, completamente absorvido nos estudos e distraído, a afastar uma mosca que zumbia preguiçosamente em redor da cabeça. De súbito, como depois me contou, a repariga falou para ele suavemente, o que era inaudito mas não inteiramente bem-vindo, já que lhe interrompia a concentração numa questão filosófica particularmente espinhosa com que ele se debatia.

— Senhor? Perdoe a intromissão...

Fez-se silêncio um longo momento antes de ele resmungar — Hmmm? Que se passa? — sem se virar.

— Devo colocar os manuscritos de Plotino por ordem alfabética junto a Platão, ou prefere que os archive separadamente entre os teurgos?

— Plotino não é teurgo — murmurou Julião, distraído, e depois caiu

noutro longo silêncio, pontuado por uma irritante palmada na nuca. De repente, rodopiou na cadeira, de olhos arregalados. — Não és a criada do costume!

Ela baixou os olhos recatadamente por detrás do véu. — Perdão, senhor. Lucilla está doente, eu vim em seu lugar.

— Mas sabes ler grego?

— Claro! — Exclamou ela. Depois soltou um risinho nervoso. — Quero dizer, um pouquinho. Dá para ler os títulos.

— Mas conheces Plotino e os teurgos!

— Não, senhor — disse ela suavemente —, ou seja, não muito bem. Devo ter ouvido os eruditos no palácio a falarem disso.

No dia seguinte, voltou a calada e iletrada Lucilla, aos velhos hábitos de desarrumar o trabalho dele, sem esperança.

As semanas passavam, e Julião passava o tempo num misto de fúria e alívio, à espera que Constâncio o recebesse e o informasse dos seus planos para o futuro. A princípio Julião escrevia todos os dias, a pedir audiência e a receber somente desculpas típicas dos ministros e eunucos do Imperador, que o informavam secamente da vida atarefada que ele tinha, ou que se sentia indisposto, ou de uma emergência inesperada que o levava para fora da cidade. Julião depressa passou a um regime semanal de pedidos, e depois parou completamente de se corresponder com o palácio. A Imperatriz Eusébia, porém, talvez incomodada com a descortesia do marido, teve ocasião de mandar ao seu jovem primo uma enorme quantidade de textos, incluindo muitos recentemente transcritos, de todos os filósofos, retóricos e historiadores modernos famosos, muitos deles ainda vivos. Do mesmo modo, mandava-lhe missivas frequentes a expressar a sua boa vontade para com ele, confortando-o em relação ao atraso, e dizendo-lhe que esperasse pacientemente, que tudo se haveria de resolver.

Quando chegou o presente de boas-vindas de manuscritos e códices, Julião escreveu-lhe uma carta a mostrar-lhe a sua gratidão, e a pedir audiência com ela, se não pudesse ser com o marido. Entregou-a ao eunuco que tinha sido intermediário das cartas da Imperatriz, e este, quando a recebeu, pegou-lhe delicadamente com dois dedos, com um ar tão desgostoso como se um leproso lhe tivesse cuspidado em cima. Pô-la rapidamente em cima de uma mesa de mármore no corredor, enquanto fingia atar a correia da sandália, ali a deixando até Julião a descobrir, ao fim de muitos dias, já depois de pensar e matutar na falta de resposta da Imperatriz ao seu pedido. Só quando eu o informei de que teria sido uma grave violação do protocolo que ele se tivesse correspondido com a Imperatriz antes de ter licença do Imperador é que ele compreendeu a reacção do eunuco ao receber tal documento. Por essa mesma razão, estava completamente

fora de questão uma audiência com Eusébia; aliás, os estranhos, mesmo parentes, raramente entravam no gineceu, os aposentos das mulheres, facto de que eu me esquecera, ou que nunca assimilara realmente, dado o acesso desimpedido que tinha à família real na qualidade de médico oficial.

#### IV

NESTA ALTURA, MEU IRMÃO, tenho de te contar um incidente extraordinário que, embora não implique directamente Julião, serve para explicar muitos dos acontecimentos posteriores que o afectaram a ele e a mim de modo tão significativo.

Eu estava com Constâncio e o resto dos cortesãos numa das intermináveis sessões de estratégia do palácio. Tais reuniões implicavam que o Imperador convocasse vários conselheiros em simultâneo para a vasta sala do trono, no rés-do-chão do palácio de Milão, que ele depois alinhava numa fila solta, com os vários subconselheiros e lacaios por detrás deles. Depois punha-se a andar ao longo da fila, seguido da sua própria multidão de eunucos e sicofantas, a interrogar e a atormentar cada um dos conselheiros até que, à força de sorte e adivinhação, eram obrigados a chegar à mesma conclusão — aquela a que Constâncio já chegara antes de os ter convocado. No pátio de gravilha, ouvi gritos abafados e um único cavalo a galopar, e aborrecido e desagradado com a farsa dos exercícios de planeamento de Constâncio, fui até uma janela aberta e espreeitei lá para fora.

Um mensageiro exausto e empoeirado tinha sido praticamente arrancado do cavalo onde vinha, às portas do palácio, e estava a ser encaminhado directamente pela enorme balaustrada de colunatas acima e pelas portas de ferro. Nem sequer lhe tinham dado a habitual taça de vinho para refrescar a garganta seca, nem colocado água fresca no rosto e pescoço para acalmar a respiração agitada. Olhava ansiosamente para as fontes e lagos que borbulhavam, enquanto passava pelo pátio, a marchar e a coxear de dores, a roupa de montar imunda, a bolsa de couro gasto pendurada descuidadamente no pescoço e no ombro por uma alça muito puída. O suor que lhe escorria do cabelo por cortar caía na barba que já devia ter semanas e depois no mármore polido dos degraus, deixando um rasto escorregadio e traiçoeiro.

Afastei-me da janela. O Imperador, cujo rosto era de facto muito parecido com o de Julião, embora mais anafado e com uma expressão de desconfiança ou astúcia nos olhos, andava de um lado para o outro, zangado, em frente a um grupinho de cortesãos que murmuravam entre si.

As pregas de gordura da zona lombar tentavam marcar passo com aquelas mais firmes e disciplinadas da barriga, como se estivessem num concurso de camadas adiposas, toda a sórdida batalha visível por baixo do tecido de linho fino já a ensopar-se, da sua apertada toga cerimonial. Abanei a cabeça, desgostoso com estes pensamentos, que só poderiam surgir na cabeça de um médico imperial entediado e subaproveitado, até a chegada do mensageiro nos interromper. O Imperador agonizava por ouvir as notícias em pessoa, desde que havia recebido em Milão as primeiras indicações enigmáticas do desastre, quatro dias antes, pela série de clarões sinalizadores em código nas montanhas e torres de guarda, a todo o comprimento e largura do Império.

Quando o homem irrompeu pela sala ladeado por dois guardas musculosos, Constâncio correu para ele com uma velocidade e energia espantosas para alguém tão volumoso.

— Desembucha, homem — é verdade? Colónia?!

O mensageiro parou abruptamente, quase à entrada da porta, e levou um momento a perceber onde estava, quando deu consigo inesperadamente a olhar para os olhos irados do Imperador.

— Não sei o que lhe disseram, Vossa Alteza — disse com simplicidade. — Só sei que Colónia caiu há cinco dias nas mãos dos bárbaros. Estão todos mortos, e só pela graça de Deus consegui fugir e chegar a Milão, com os estafetas da posta. Conodomário é um demónio. — O homem tremeu e empalideceu como se estivesse doente, e receei que desmaiasse aos pés do Imperador com a exaustão.

Constâncio olhou para o homem, enraivecido, quase como se lhe fosse bater, e o mensageiro encolheu-se ligeiramente, a boca a mexer-se como se fosse dizer mais qualquer coisa — mas que mais poderia dizer? Por fim, o Imperador resmungou — Não contes nada disto a ninguém —, rodopiou e voltou ao trono que ficava no meio da sala, onde os cortesãos e assistentes se tinham calado enquanto assistiam. De rosto corado com a raiva, começou imediatamente a dar ordens aos generais e conselheiros. Os eunucos acorriam em todas as direcções, e eu levantei-me e esgueirei-me junto às paredes, até chegar ao mensageiro aturdido, que fora abandonado e estava calado, com ar doente e que fugiria por um buraco adentro se o encontrasse.

— Vem, soldado — disse eu, tocando-lhe ao de leve no cotovelo.

Assustou-se, depois olhou para mim com um alívio indizível ao ouvir as primeiras palavras amistosas em meses, possivelmente.

Levei-o por uma passagem até aos meus aposentos, onde caiu no coxim, e ofereci-lhe carnes frias e pão seco que ficaram do meu pequeno-almoço nessa manhã. Engoliu tudo com ar agradecido, embora se



queixasse de dores no estômago, que atribuiu a cãibras, por ser a primeira refeição que comia em três dias. Também disse que era a primeira comida sem larvas que comera num mês. Irmão, que tipo de médico sou eu que aceito o diagnóstico de um doente sem o questionar? Estava envergonhado pela grosseria do meu patrão, por não ter mandado tratar do pobre soldado assim que ele chegara, e constrangido pela falta de mantimentos que tinha para oferecer, pois além daquilo, só tinha uma maçã tocada, que ele também engoliu em três ou quatro dentadas, caroço e tudo. Toquei a campainha e pedi ao escravo mais comida e vinho sem mistura. Enquanto esperávamos que o escravo voltasse, pedi ao mensageiro que contasse a sua história.

— Durante meses — disse ele —, a guarnição de Colônia esteve sitiada pelos Alamanos. O rei chama-se Conodomário; chamamos-lhe “a Besta”. É ele que os lidera. O comandante da nossa guarnição, Lúcio Vitélio, mandou estafetas a pedir reforços ao Imperador e às legiões da Gália, mas não obteve resposta. Achámos que os correios tinham sido capturados.

Eu nada disse, mas sabia que as mensagens tinham chegado realmente a Constâncio. O Imperador, depois de despachar a situação na Germânia longínqua como inconsequente, comparada com as preocupações mais urgentes que tinha no barril de pólvora que eram as regiões orientais do Império, recusara-se a transferir tropas para a guarnição debilitada, achando que os comandantes da Gália e da Bretanha arranjariam maneira de levantar o cerco.

— Acabámos por ceder, há cinco dias. Os homens estavam esfamados, senhor, e os bárbaros tinham envenenado a água da cidade. Acho que poderíamos ter aguentado mais uns dias, mas quebrámos quando a Besta começou a atirar cabeças para cima de nós.

— Soldado — disse eu —, nunca estive na guerra, mas ouvi dizer que os sitiados costumam usar essa tática — colocar cabeças e até corpos dos inimigos capturados nas catapultas e atirá-los para as fortificações, para desmoralizar os defensores. Decerto esperavam qualquer coisa como isso.

— Esperávamos deveras, senhor, mas nada como aquilo. Compreenda, senhor, nem sequer eram cabeças de romanos. Era pior. Eram germanos. Via-se pelos grandes bigodes louros.

Olhei para ele, aturdido. — Cabeças de germanos? Mas porque haveria Conodomário de atirar cabeças de germanos para cima de vós?

— Perguntámo-nos o mesmo, senhor, claro. Depois percebemos quando olhámos para os montes. Senhor, os montes estavam cheios de germanos, por todos os lados. Acabados de chegar. Todas as tribos, da Panónia à Frísia, haviam mandado homens de reforço, milhares, dezenas de milhar. Estavam a cortar as árvores todas até ao horizonte, a fazer centenas de catapultas, aríetes, torres de cerco — e assim por diante,

senhor, aprenderam bem a lição connosco. Mas a Besta não tinha cabeças de romanos para nos atirar. Que diabo, acho que não nos tinha apanhado em número suficiente. Por isso, usou os próprios germanos dele. Meu Deus, tinha bastantes, tinha acabado de mandar os guardas capturarem umas centenas de bêbados da prisão, cortarem-lhes as cabeças e atirá-las. Quando vimos aquilo, percebemos que estávamos acabados.

Deixei-me ficar num silêncio perplexo.

— E ainda não é o pior de tudo, senhor — continuou o homem após breve pausa para recuperar o fôlego. — O pior foi quando o próprio Conodomário cavalgou até aos portões da cidade, a berrar para que Vitélio saísse para conferenciar. Senhor, nunca se viu um homem como a Besta.

O mensageiro estremeceu e eu roguei-lhe que continuasse.

— É um gigante, senhor — deve ter dois metros de altura, e músculos como um touro. Tem a pluma vermelho-sangue de um pássaro maléfico qualquer no capacete, e anda todo nu, tirando uma tanga — pinta o corpo com pinceladas de encarnado e azul, o pior tipo de bárbaro que se possa imaginar. Anda assim a cavalo, quase nu, o cabelo e o bigode a esvoaçarem ao vento, num enorme cavalo branco, também ele com labaredas pintadas como se fosse o corcel do diabo, a espumar da boca e a empinar-se, a revirar os olhos, e ele brande a arma no ar, não é uma lança como qualquer bárbaro normal, mas sim um *arpão* — senhor, já não via uma coisa daquelas desde os baleeiros da Hibérnia. Juro, um homem normal nem sequer poderia *levantá-lo*, mas a Besta põe-se a brandir aquele bocado de ferro no ar como se fosse um graveto, e a berrar para o comandante da guarnição passar o portão e render-se.

» Bem, senhor, tiro o chapéu ao velho Vitélio, não se encolhe perante nada, nem sequer aquele bárbaro. Chamou dois comandantes de coortes para irem com ele, e estes tremiam que nem virgens na noite de núpcias, digo-lhe, mas Vitélio manteve-se frio como um melão de Espanha. E saem, os três, de armadura completa e polida, os cavalos todos escovados e refrescados para dar a entender que temos tido todos uma bela vida nos três meses que passámos naquele corredor da morte. Levam os cavalos até àquele bárbaro que cospe fogo, enquanto trinta mil germanos atrás dele se calam e todos nós ficamos nas ameias a ver.

Eu estava sem fôlego. — Que aconteceu a Vitélio?

O homem estremeceu. — Foi horrível, senhor. Conodomário nem sequer o deixou render-se. Fez sinal, os homens rodearam os nossos comandantes e arrancaram-nos de cima dos cavalos. Puseram-nos na mesma posição em que montavam, mas virados para nós nas muralhas. Nem pestanejámos, e já os germanos os empalavam em estacas que tinham enterrado no chão. Pelos rabos acima, o senhor que é médico sabe o que

aquilo faz cá por dentro. As pontas saíam-lhes nos pescoços, e o sangue imundo jorrava por todo o lado. Valha-me Deus, foi pavoroso. Os dois comandantes das coortes morreram logo, ou talvez tenham desmaiado poupando-se a mais sofrimento antes de morrerem mesmo, mas o velho Vitélio não estava pronto. Agitou-se e deu safanões à estaca como um peixe no espeto durante muito tempo, e a Besta ficou ali a rir-se de uma maneira que até podia acordar os mortos. Por fim, fartou-se dos gemidos de Vitélio e foi até ele, pessoalmente, agarrou-lhe na cabeça com as duas mãos, torceu-a e arrancou-a dos ombros como se faz com uma galinha quando não se tem uma faca para acabar bem o trabalho. Quase vomitei ao ver aquilo, e todos percebemos que era o fim. Conodomário ergueu essa cabeça, com os ossos do pescoço e farrapos de pele ainda pendurados, e apontou-a para o portão. Esborrachou-a como um ovo podre, e depois os bárbaros todos lançaram um rugido medonho e carregaram em massa. Mandaram os portões abaixo só com o próprio peso, sem sequer esperarem pelos arietes. Devem ter matado umas centenas de homens deles só a espezinhar tudo.

» Não esperei mais, digo-lhe. Meti-me nuns túneis de sapadores que tínhamos descoberto uns dias antes, e fiquei lá até ser noite, até me perder e sair mesmo do lado de fora das muralhas, onde ainda havia um grupo de bárbaros, bêbados como condutores de mulas. Devem ter pensado que eu era um deles por causa da barba grande, e achado que eu tinha roubado a armadura no saque, e por isso não me ligaram nenhuma. Encontrei o cavalo do pobre Vitélio ainda atado à estaca do dono, montei-o e trotei dali para fora tão naturalmente quanto pude, rumo à estrada da posta. Os bárbaros nem sequer tinham destacado guardas, ninguém me interpelou. E depois fugi para cá, roubando cavalos pelo caminho. Creio que sou o único sobrevivente.

Olhei para o homem, apavorado com a história horrenda e a maneira brusca com que ma contara. Teria sido aquilo que tínhamos defrontado na Gália? Naquele momento bateram à porta, e o escravo de cara azeda entrou, com uma bandeja cheia de mais carnes frias, uma travessa de uvas frescas e pêssegos fatiados, e decantadores de vinho e água fresca. Repreendi-o por ter demorado tanto tempo, e depois arranjei espaço na mesinha baixa, onde costume ter livros, manuscritos e relatórios médicos.

O escravo levou o dobro do tempo que deveria a dispor a comida e a levar a bandeja, e quando finalmente saiu, tranquei a porta para ter privacidade; voltei para o convidado imundo e esfaimado.

Estava sentado imóvel, de olhos arregalados a ver a travessa do artístico arranjo de comida, e um ar de calma resignação no semblante. Contudo, havia uma poça de sangue, que eu não vira enquanto ele me contava a história, no chão onde ele estava sentado.

Acorri a ajudá-lo, quase escorreguei nas poças de suor que ele deixara ao entrar, e rasguei-lhe a túnica do pescoço à barriga. Tinha as costelas envoltas em panos de linho muito sujos, cheias até cima de folhas de dictamnó ensopadas de sangue. Agarrei numa faca de papel que tinha na secretária e cortei as ligaduras improvisadas, o que se tornou ainda mais difícil devido ao cheiro que deitavam. O tecido tinha-se colado à pele, pelo efeito combinado do sangue seco, do suor e dos sucos da planta esmagada. Abaixo do umbigo e ligeiramente para o lado, estava espetada uma ponta de flecha que mal saía da pele, a ferida inchada e cor de púrpura, a deitar pus e muito infectada. A seta em si estava alojada no figado. Olhei-o com ar inquiridor, querendo saber porque não me dissera antes que estava ferido, a dar voltas à cabeça para decidir o que fazer para extrair a seta tão rápido quanto possível.

Era tarde de mais, meu Irmão. O homem estava morto.

## V

TODAVIA, NÃO TIVE TEMPO PARA ME DEMORAR em tais questões, pois a queda de Colónia lançara Constâncio numa correria. Como tinha dado ordens para que as notícias do soldado fossem sigilosas o máximo de tempo possível, o pessoal da corte só podia olhar embasbacado para as mudanças inauditas de destacamentos de tropas que o Imperador mandava fazer, o súbito cancelamento de eventos sociais no palácio, e as constantes idas e vindas de funcionários e diplomatas seniores, que mantinham a boca fechada. Durante vários dias, só isso pude fazer ao acompanhar Constâncio, que percorria lestantemente os corredores, de conferência para sessão de aconselhamento, para negociações com emissários estrangeiros. Nessa fase não tive tempo para ver Julião, nem sequer para lhe falar da situação no palácio, embora antes disso o tivesse visitado na *villa* várias vezes por semana. Não há dúvida de que estas novas distrações atrasariam ainda mais a decisão do Imperador quanto ao destino do meu desafortunado amigo.

Curiosamente, não tinha de me ter afligido com este assunto: no auge da agitação no palácio, recordaram-se subitamente da presença de Julião, e o mesmo foi peremptoriamente convocado para uma audiência com Constâncio em pouco mais de uma hora. A cavalo, acompanhei os carregadores da liteira que o iam buscar à *villa*, e observei enquanto ele se preparava resignadamente, pois ainda estava completamente às escuras quanto ao que lhe ia acontecer. Eu próprio ouvira fragmentos de discussões sobre o destino dele nos últimos dias, da boca de cortesãos e eunucos,

sugestões de conflitos e dissensões, de súplicas para que o eliminassem como possível ameaça ao trono, contrariadas por argumentos igualmente persuasivos de que o Imperador precisava de delegar obrigações, para se concentrar mais nas fronteiras que se esboroavam na parte oriental do Império. Nada disto, contudo, contei a Julião — sem dúvida que já ouvira tudo antes, ao tratar com os eunucos do palácio no passado.

A viagem para a cidade foi a primeira que Julião fazia desde que chegara semanas antes, e espreitava pelas cortinas da liteira, espantado com a quantidade de gente nas ruas. Bem podia ter sido dia de mercado, ou de execução pública no patíbulo do pátio do palácio. A resposta às perguntas que Julião gritava directamente aos carregadores era um silêncio sepulcral.

Ao chegar aos portões traseiros do palácio, para evitar as multidões sinistras que se reuniam à frente, havia um grupo de eunucos calados e carrancudos, que o inspeccionaram ali mesmo na rua. Mesmo de onde eu estava, na ponta do grupo, a ver a cena, senti a agitação e o desprezo dele ao olhar à sua volta, a tentar descortinar algo além da multidão de cortesãos melífluos e altivos que o rodeavam. Levaram-no para o palácio, onde foi apressadamente despido e banhado, o cabelo arranjado e oleado à maneira efeminada que ele tanto desprezava, desde que andava na escola. Deram-lhe uma túnica e uma toga lavadas e extremamente elegantes, em substituição das roupas limpas mas gastas que o tinham vestido desde a viagem de Atenas, meses antes. Todas as perguntas que fez, tanto educadas como bruscas, em latim e em grego, depararam com um muro de silêncio, como se os criados estivessem proibidos de lhe falar ou, mais provável, desdenhassem fazê-lo mesmo que pudessem.

Por fim, foi levado para a sala de recepções, onde por esta altura já estava a corte inteira reunida na expectativa do grande evento que Constâncio ia encenar. Como sempre, fiquei perto do Imperador caso ele sentisse necessidade de um dos muitos xaropes e tinturas que eu tinha para a sua fiada de constantes achaques, tanto reais como imaginários. Embora tentasse cruzar o olhar com o de Julião, para o consolar com uma piscadela ou um sorriso, o dele fixou-se no Imperador quando entrou.

Constâncio estava perto de uma pequena fonte que borbulhava num belíssimo mosaico de Tritão, deus do mar, montado em dois golfinhos. Os eunucos levaram Julião pelos grupos de cortesãos e conselheiros espalhados aqui e ali, que se afastavam à passagem dele, num silêncio embasbacado, os olhos a dardejar entre o jovem magro de ombros curvados e o soberano inquieto, o supremo governante do Império Romano, Augusto. Quando Julião se aproximou, fez-se silêncio na sala, à excepção do próprio Imperador, que continuou o longo monólogo que travava com um general imbecil chamado Barbácio, um laçao que fora essencial na captura traiçoeira e no

assassínio de Gallo vários anos antes. Constâncio estava virado para o lado oposto, e parecia não ter pressa nenhuma em acabar a conversa e tratar do seu jovem primo, e Julião estava de pé, a mudar o peso do corpo de um pé para outro, a olhar fixamente para a nuca do Imperador, a mexer e a ajeitar as roupas novas. Barbácio olhou-o com ar condescendente, os olhos francamente avaliadores e maliciosos, ao passo que os eunucos trocavam sorrisinhos superiores entre si, e estavam ainda mais direitos e elegantes para enfatizar o contraste entre o seu próprio ar cortês e confiante e o do desgraçado estudante que haviam arrastado contra vontade à presença do Imperador.

Constâncio acabou finalmente a conversa e virou-se, fingindo-se surpreso. Apesar das semanas de descaso, o Imperador saudou o seu primo calorosamente, como um pai, de facto, como se ele tivesse acabado de chegar à cidade ainda cheio do pó da estrada, em vez de estar a arrefecer na *villa* abandonada e vazia dos subúrbios. Julião ficou siderado; ao ver Barbácio, não poderá ter deixado de pensar se o Imperador teria recebido o seu irmão Gallo da mesma maneira quando este tomara o poder, antes de ser levado para a morte pouco tempo depois. A reacção de Julião à saudação do Imperador foi rígida e formal. Era um esforço estudado para disfarçar a repugnância que sentia por aquele homem, o assassino da sua família, enquanto evitava uma abordagem excessivamente calorosa, que todos os presentes reconheceriam como dissimulação e hipocrisia da pior espécie. Os sentimentos que nutria pelo Imperador, embora nunca se tivessem encontrado em adultos, nem nunca falado do assunto, não poderiam ter sido menos secretos, nem o facto de o jovem dever obrigações ao homem mais velho pela sua própria sobrevivência. Todavia, o protocolo e o simples decoro humano impediram-nos de revelar tais coisas um ao outro.

— Meu rapaz — disse Constâncio —, estás com óptimo aspecto. Agrada-me ver que a minha gente te tem tratado bem nos teus novos aposentos.

Julião murmurou uns agradecimentos, fez menção à hospitalidade que tivera desde que chegara a Milão, e depois calou-se. O Imperador olhava para ele, expectante, e talvez algo irritado, como se esperasse que ele proferisse mais qualquer coisa. Com um suspiro, virou-se para o camareiro, que pairava junto ao cotovelo do Imperador, a torcer as mãos de impaciência.

— Meu senhor — disse o eunuco —, a plataforma está preparada e o povo reunido. Receio que estejam a ficar impacientes.

— Muito bem. Vem, Julião. Eu preferia causar-te o mínimo de desconforto, e acabar com esta obrigação desagradável tão rápido quanto possível.

O jovem empalideceu, mas não perdeu a compostura, e olhou rapidamente para mim. Eu não podia ajudá-lo e pouco depois desviei o olhar. Com ar resignado, endireitou os ombros e seguiu os passos rápidos e bamboleantes do Imperador pelas portas abertas e para a larga plataforma de madeira que fora montada para a ocasião, por cima da escadaria e da balaustrada que subiam até à entrada. Fiquei com um pequeno grupo de conselheiros imediatamente atrás deles, nas sombras do lado de dentro, longe da vista da multidão.

Julião avançou para a luz do Sol, piscando os olhos com o espanto, e um clamor ensurdecedor ergueu-se dos milhares de homens e mulheres. Cem filas à frente da plataforma estava a Guarda Pretoriana do Imperador e as legiões domésticas, em formação e sentido impecáveis, as lanças alinhadas verticalmente sem falhas por cima dos milhares de capacetes de batalha luzidios e das cristas vermelhas de crina de cavalo, flâmulas de seda multicolorida a esvoaçar na brisa fresca. Além das fileiras de soldados estavam as multidões mais heterogéneas com que Julião se cruzara pelo caminho — cidadãos e mercadores que tinham tirado o dia e sido convocados ao recinto do palácio com as famílias. À distância, mulheres e crianças encavalitaram-se nos ombros dos homens para verem melhor, enquanto bandos de jovens trabalhadores sozinhos, aqui e ali, gritavam palavras de encorajamento aos seus semelhantes em lados opostos do recinto, mostrando odres de vinho e namoriscando com prostitutas que tagarelavam ali perto.

Julião estava hipnotizado a contemplar o que seria a maior aglomeração de gente que ele já vira na vida. Despertou com a voz ribombante do Imperador a seu lado. Porém, mesmo com a poderosa voz do Imperador, e a excelente acústica da praça, o tamanho da multidão exigia que houvesse arautos ao longo dos extremos a apanharem uma sùmula das palavras do Imperador e a retransmitirem aos berros também à multidão na parte de trás do espaço e além das ruas da cidade, onde as turbas continuavam a chegar para assistir ao extraordinário evento.

— Soldados e cidadãos! — Gritou o Imperador. — Venho perante vós para julgarem com imparcialidade o passo que vou dar. — A multidão sossegou quando as suas palavras ecoaram por todos os edifícios que rodeavam a praça, e foram repetidas pelos arautos.

— Como sabeis, os bárbaros, como que para apaziguarem deuses ímpios com oferendas de sangue romano, perturbam a paz da nossa fronteira ocidental, e assolam toda a Gália. Ao fazê-lo, contam com o facto de que a necessidade me impele a dedicar atenção aos acontecimentos na outra ponta do Império. Se conseguirmos contrariar esta perversidade? a tempo, com medidas que tenham o vosso apoio unido, a insolência criminosa daqueles

animais irá findar, e as fronteiras do Império continuarão sacrossantas. Compete-vos a vós reforçar a minha esperança no futuro e aprovar a minha decisão.

Parou um momento para deixar os arautos transmitirem as suas palavras. Os soldados nas fileiras da frente tinham os olhos arregalados por baixo das viseiras de bronze, postos no Imperador e no seu jovem primo, com um ar abatido por detrás dele.

— Ei-lo perante vós: o nosso Julião! — Resumiu com um berro. — O meu primo! Prezo-o tanto pelas suas qualidades como pelo parentesco, um homem de inteligência extraordinária! É Julião que proponho elevar ao grau de César, para servir directamente a mim, Augusto, proposta que deve ser ratificada por vós, se vos dignardes conceder a vossa aprovação.

Constâncio voltou a fazer uma pausa para deixar os aplausos e vivas que se esperavam erguerem-se da multidão. Mas o que ouvimos foram resmungos perplexos entre as tropas, interrompidos aqui e ali pelos gritos recuados dos arautos à distância. Julião parecia encolher-se ainda mais com o embaraço. Constâncio, determinado a que a multidão o aclamasse nem que tivesse que estar ali toda a noite, respirara fundo para voltar à carga, quando um único centurião se ergueu e clamou entusiasticamente que era a vontade de Deus. «*Ave, Julianus Caesar!*» gritou. Era óbvio que tinham lá posto o homem de propósito.

Não obstante, os homens da companhia do centurião seguiram o exemplo do seu líder. «*Ave, Julianus Caesar!*» gritaram sessenta ou setenta outras vozes dessincronizadas, grito esse que foi imediatamente seguido por outras companhias espalhadas pela praça e pelos arautos no perímetro, eles próprios a fazerem o melhor que podiam para espicaçar o entusiasmo da plebe. Lentamente, quase com relutância, o volume dos clamores aumentou, encheu a praça e espalhou-se à população que enchia as ruas mais além.

A cara redonda e suada de Constâncio animou-se num enorme sorriso. Enquanto se virava para Julião, manteve o sorriso, embora os olhos se estreitassem. Olhou brevemente para um ponto além do primo e acenou ligeiramente com a cabeça. Imediatamente um eunuco enorme, um gigante siciliano que costumava fazer tarefas menores no palácio, avançou, vestido com as peles e calções axadrezados de um chefe tribal gaulês, a cara pintada com riscas azuis horripilantes, uma peruca garrida com tranças compridas e ruivas pelas costas abaixo, e braceletes de prata em forma de serpente a enfeitarem-lhe os bíceps maciços. A multidão calou-se, estupefacta, quando o homem avançou pesadamente para junto de Julião, com um enorme embrulho, que abanou com um floreado propositadamente dramático. Colocou a pesada capa de púrpura bordada nos ombros do novo César e prostrou-se aos pés do jovem numa posição de terror objecto.



Julião olhava num misto de assombro e mortificação para o enorme homem que tremia, e ouviu-se outro rugido do meio da multidão, desta vez acompanhado pelo ruído ensurdecido dos escudos das tropas, que batiam com eles nos joelhos numa algazarra aterradora. Só mais tarde, depois da minha explicação cuidadosa, é que Julião compreendeu que tal indicava a completa aprovação das tropas, e era, de facto, assaz preferível a baterem com os escudos nas lanças, sinal de raiva e dor.

— Adorado primo! — Berrava Constâncio acima do ruído. — Alcançaste, ainda jovem, a distinção que te estava destinada pela tua ascendência. Por conseguinte, sê meu parceiro na labuta, meu colega no perigo! Assume o governo da Gália! Alivia o seu povo sofrido com tratamento generoso! Enfrenta o inimigo em campo, e ergue bem alto os estandartes das tuas legiões! Comanda estes homens, cuja bravura se compara à tua! Faremos a guerra em simultâneo; ajudar-nos-emos com afecto constante e mútuo; e se Deus quiser, governaremos juntos, colaboradores na rectidão e na humildade, num mundo finalmente pacificado.

Os homens davam vivas entusiásticos, e o Imperador ergueu a mão de Julião na sua, bem acima das cabeças deles, aceitando aquela manifestação de assentimento vasta e mal coreografada. Os aplausos pareciam continuar indefinidamente e Constâncio levou-o para uma liteira que fora colocada num dos lados da plataforma, carregada por oito escravos, todos vestidos de guerreiros gauleses. Depois de o Imperador e o seu novo César subirem para a liteira ampla, esculpida e fechada com cortinas, os escravos levantaram-na cuidadosamente e carregaram-na, a balouçar, pelo circuito da enorme praça para aplauso geral da turba ululante. À sua frente ia um esquadrão de cinquenta pretorianos musculados que abriam caminho entre a multidão, por vezes a baterem com as espadas. Julião olhava a meia distância, com uma expressão indecifrável. Os escravos voltaram finalmente com os dois homens à base da plataforma, onde estes saíram e, com uma agitação conclusiva, se dirigiram de braço dado para as portas duplas da sala de recepções.

Lá dentro, Julião arrancou a capa cor de púrpura que o abafava e atirou-a para os braços do escravo mais próximo, enquanto Constâncio observava friamente, embora com um brilho divertido no olhar.

— Podia ter-me avisado — resmungou Julião em tom acusador, certo agora da sua segurança física, pelo menos por enquanto, e sem querer saber se ofendia ou não o Imperador. — Estou há semanas em Milão, a pedir-lhe resposta, qualquer resposta, para saber porque me trouxe para cá. E é assim que me diz?

Constâncio resfolegou. — A vida no comando é cheia de surpresas,

jovem Julião. É melhor habituares-te. — Calou-se, e depois olhou para o primo mais novo com um sorriso torcido. — Na verdade, confesso estar tão espantado como tu. Ainda ontem não tinha decidido se havia de mandar instalar uma forca ou uma plataforma de investidura. Devias cair de joelhos e agradecer a Deus. Tens uma padroeira muito convincente no palácio.

Julião olhava, abismado. — Convincente? — Perguntou. — Isto é a recompensa? Arranca um pobre estudante das suas aulas, obriga-o a comandar seis legiões, e manda-o defender a Gália? Trata-se somente de um modo de execução mais lento do que aquele que tinha pensado! «Amortalhado na púrpura sombria da morte pelo destino poderoso...»

Constâncio riu-se. — Que perspicaz — e que esperto a citar Homero, embora algo melodramático, digo eu. Mas por favor — não penses que terás alguma coisa a ver com o comando destes homens. Serias um empecilho. As legiões ocidentais continuam sob a alçada de Ursícino e Marcelo. Barbácio coadjuva em vários aspectos, como tem feito. Contigo como César, a Imperatriz Eusébia fica contente, embora só Deus saiba porquê. Com Marcelo no comando, os meus generais ficam contentes. E tu, meu rapaz, gozas o prato e não te intrometes.

Barbácio, por detrás do Imperador, olhava friamente por cima do ombro do seu patrono/protector para o jovem, o semblante sem conseguir disfarçar o ódio que sentia por aquele último primo de Constâncio ser investido com púrpura, sem outra razão além dos precários laços de sangue. Julião evitou-lhe o olhar, concentrando-se no Imperador, abismado com as suas palavras.

— Quer dizer que não tenho obrigações? — Inquiriu, espantado.

O Imperador riu-se. — Só uma. Já que insistes tão grosseiramente em ser avisado de planos que afectem a tua vidinha, fá-lo-ei agora. Já conheces a minha irmã Helena, tua prima? Não, claro que não. Não tardará que a conheças. Daqui a dois dias casas-te com ela. — E acenando com a cabeça para os cortesãos, afastou-se do perplexo Julião, e retomou a conversa que tivera com Barbácio como se os acontecimentos daquela manhã não tivessem mais importância do que uma revista às tropas.

## VI

NO DIA SEGUINTE, AO ENTRAR NO GINECEU acompanhado por mim, o médico de família de confiança, inofensivo como um eunuco idoso e conhecido como um cão de colo, Julião marchou directamente para o coxim, onde a Imperatriz velada estava reclinada, a conversar calmamente

com algumas das aias, e levou um joelho ao chão. Ela olhou para ele rapidamente, acenou-me com a cabeça educadamente, ajoelhado ao lado dele, e virou-se para terminar a conversa que estava a decorrer. Neste intervalo aproveitei para espreitar discretamente por baixo das sobranceiras e apreciar francamente a Imperatriz. Embora seja um profissional, sou homem, e embora seja cristão, não renunciei à apreciação da beleza.

Era uma mulher de muito bom gosto, e com toda a riqueza de Roma e as mercadorias do mundo inteiro à disposição, não deixara a sua aparência por mãos alheias. Aliás, eu tinha por hábito admirar-me com o facto de que, em vez de usar os linhos e as lãs finas que a maioria das damas da corte usava na frescura do Outono, ela preferia o algodão suave e sinuoso que vinha da Índia, e as lindíssimas sedas antigas que haviam chegado penosamente de caravana da China um século antes, quando ainda se mantinha a paz da Pártia. Tinha-se embrulhado voluptuosamente naqueles dois materiais, mas com delicadeza para aquele encontro, como ditava a moda. A túnica comprida de algodão branco era justa ao corpo. Tinha um véu de gaze de seda quase transparente a cobrir a cabeça e a face, e que lhe caía pelos ombros e lhe chegava aos pés. O tecido escondia e revelava nas pregas o contorno do rosto, a brancura dos dentes e dos olhos, e a suavidade dos seus longos braços cor de azeitona. Na bainha da túnica tinha sido bordada a ouro uma trança cor de púrpura, sinal de um estatuto elevado. Combinava com outra trança que lhe rodeava a cintura fina, e que destacava a plenitude dos seios e das ancas. As jóias eram simples mas caras: um diadema de ouro no cabelo, com uma única pérola; pérolas a combinarem nas pequenas argolas que tinha nas orelhas; e um pendente simples ao peito. Era sempre uma surpresa agradável para mim ver que não cedera à moda que queria muitos braceletes, anéis e pulseiras nos tornozelos, pois tal como os escultores gregos, detesto tais adornos, considerando-os interrupções no fluxo suave e harmonioso da figura feminina — dos ombros redondos à curva das pontas dos dedos, das coxas suaves e brancas aos dedos dos pés, uma linha ondulante e ininterrupta que alcança a perfeição na continuidade e na qual até a fivela espanhola mais trabalhada constitui uma intolerável violação da pureza.

Olhei de soslaio para Julião e vi que também ele espreitava disfarçadamente a Imperatriz, as sobranceiras erguidas. Olhei para a frente, e quando os meus olhos passaram do corpo para a face dela, fiquei surpreendido por ver que conversava com a criada e olhava para Julião, apreciando-o com a mesma franqueza com que ele a apreciava; aliás, e isto divertiu-me, ela via-o a olhá-la, e não parecia nada envergonhada, mas sim fascinada com o que via. Levantei a cabeça quando a conversa pareceu terminar, e foi com desapontamento que vi o gesto que fez com um dedo

da mão direita, a indicar às companheiras, e a mim, que a deixassem a sós com Julião.

A porta fechou-se atrás de mim, mas Julião depois contou-me a extraordinária conversa que tinha tido com a Imperatriz.

— Há muito que queria conhecer-vos, senhora — começou ele — e exprimir a minha gratidão pelos livros e palavras amáveis que me fizestes chegar durante a minha espera.

Ouviu-se um risinho por detrás do véu, que não lhe pareceu nada estranho.

— Apraz-me que os tenhais apreciado — disse numa voz calorosa e neutra. — E Plotino, ficou bem arquivado?

Julião ergueu os olhos, sobressaltado.

— A senhora... sois a empregada de limpeza que substituii Lucilla... Quero dizer... queira desculpar, Alteza, mas...

Eusébia olhou-o, divertida, afastou cuidadosamente o véu, e dobrou-o no alto da cabeça. — Não sabeis que era eu? Oh, fico encantada com isso!

Ele estava siderado. — Mas, Vossa Alteza, porquê? Depois das minhas súplicas por audiência, porque não vos revelastes?

— O quê, estais a perguntar-me porque não vos visitei sozinha nos vossos aposentos, sem o consentimento do Imperador? — Riu-se, provocante. — Meu pobre e perplexo primo. Prezo tanto a cabeça que tenho em cima dos ombros como decerto vós prezais a vossa.

Continuou a rir-se, e depois endireitou-se no coxim.

— Embora não achasseis que eu vos proporia para César sem vos ter visto primeiro com os meus próprios olhos? — Perguntou com astúcia. — Uma mulher pode casar com o marido sem nunca o ter visto, como eu, mas não faz tal escolha cega duas vezes na vida. Afinal, quando chegastes a Milão, a vossa carreira, a vossa própria vida, Julião, podiam ter tomado um de dois caminhos. Na medida em que eu pudesse ter impacto no Imperador ao... ajudar-vos na decisão, quis ter todos os factos possíveis à minha disposição.

Ele manteve-se mudo, sem saber o que dizer. Estava assombrado com a beleza dela, como nunca ficara com mulher alguma, pois, em toda a sua vida curta e protegida, nunca estivera na presença de uma tão adorável e tão poderosa. A combinação era inebriante, sufocante até, e sentiu que a sala ficara muito quente, o ar abafado. Manteve os olhos fixos no chão durante algum tempo, enquanto ela o observava com um despreendimento divertido. Por fim ela levantou-se, avançou lentamente para ele, pôs-lhe a mão por baixo do queixo, ergueu-lhe o rosto para que a olhasse, e com um sorriso, fez-lhe sinal para que se levantasse.

Ficou surpreendido com a altura dela quando o fez, pois embora

ele fosse de estatura mediana como homem, ela era extraordinariamente alta como mulher, tão alta quanto ele, e só tinha os sapatos finos que usava no palácio. Parecia não ter problema algum em abreviar a distância que geralmente mantinha da criada, e deixou-se ficar a observá-lo a menos de meio metro dele, os ombros para trás e a coluna direita, quase numa postura militar, se não fosse o brilho sorridente nos olhos e as feições suaves que afastavam qualquer dureza de autoridade. Mais desconcertante ainda para Julião, como me contou depois, eram os contornos dos seios, a centímetros do peito dele, a silhueta ondulada visível por baixo do vestido de seda trabalhada que lhe cobria o corpo. Ao invés de um médico, Julião tivera pouco contacto ou experiência com a forma feminina, e a beleza extraordinária dela era algo a que eu estava tão habituado que nem me preocupara em descrevê-la a Julião. Ela encarava-o, e ele obrigou-se ao supremo esforço de não dar um passo atrás nem de olhar para baixo, pois qualquer dos gestos poderia ser interpretado pela Imperatriz como insulto ou mostra de medo da parte dele. Manteve-se direito e imóvel, de olhos fixos num ponto além da cabeça dela. Um fio de suor correu-lhe pelo flanco debaixo do braço esquerdo, embebeu-se no cinto da túnica, e deu-lhe vontade de coçar as costelas.

Ela examinou-lhe o rosto atentamente. — Há coisas que já recebestes de nós — disse ela, com o plural majestático, — e se Deus quiser, receberéis outras. Isto desde que proveis ser leal e honesto connosco.

— Sabeis que estou grato por tudo o que fizestes, Imperatriz minha. Será uma honra poder servir-vos no que eu for capaz.

Eusébia examinou-lhe novamente o rosto, embora desta vez os olhos já não sorrissem.

— Depreendo que soubestes pelo nosso médico, Cesário, do problema... do Imperador?

Julião corou e mentiu com graciosidade. — Não me atreveria a debater tais questões íntimas com ninguém fora da família, senhora minha...

Ela abanou a cabeça com impaciência. — Disparate. É um ótimo médico, e toda a família real confia plenamente nele. Além disso, todo o palácio sabe, e tem consciência da posição delicada em que isso nos deixou — a todos nós. Julião — há meses que vos observo, muito antes de chegares a Milão, e é com gratidão que aceito a vossa ajuda.

— Não compreendo, senhora minha...

Nisto, com um gesto do polegar e do indicador, abriu a fivela na parte de cima do vestido e os dois lados do tecido rico caíram, revelando a pele branca e leitosa dos seios e os mamilos rijos e escuros. Mais que isso ele não se atreveu a olhar, embora me confessasse que na sua cabeça a imaginação corria imparável. Desviou rapidamente os olhos para o rosto dela, embora

não tenha encontrado consolo algum, no olhar penetrante com que ela o fixava. Eusébia balouçou ligeiramente, e embora não se mexesse, parecia que os pés tinham imperceptivelmente avançado para ele. Embora ainda faltassem uns centímetros, quase podia sentir o calor dos seios dela a penetrar na túnica de linho dele, e ele recuou imperceptivelmente a mesma distância.

— Julião — disse ela, a voz rouca e os olhos suplicantes —, não é às cegas que faço a minha escolha...

Ele arregalou os olhos e sentiu a cabeça em torvelinho, tal como eu fiz quando ouvi isto da boca dele. Nunca, salvo quando recebera a convocatória do Imperador para Milão, se sentira em tal perigo, ou em tal tentação. Fechou os olhos um momento e obrigou-se a pensar. Aceitar aquela dádiva por excelência da Imperatriz, ou recusá-la — em que caminho perderia ou ganharia mais? Precisava de tempo, tinha de ganhar tempo. Angustiado, recorreu aos argumentos da biologia humana, que aliás fora eu quem lhe ensinara no dia anterior, em preparação para o casamento com Helena.

— Vossa Alteza — é extremamente perigoso. E se ficardes em estado interessante?

— O meu ciclo é regular e tem sido calculado com exactidão. Esta é a oportunidade perfeita.

— Para evitar a gravidez?

Olhou-o frontalmente. — Pelo contrário, Julião — para a garantir.

Ele fixou-a também. Era claro como água. O Imperador não tinha nenhum herdeiro, e culpava Eusébia pelo fraco desempenho e limitações físicas que ele próprio tinha. A posição de Eusébia como Mãe do Império estava constantemente ameaçada. Tinha de se fazer um herdeiro — mas com quem? Só um membro da família podia fazer um com as semelhanças físicas necessárias, só se podia confiar num cristão e asceta para manter confidencialidade, só um César acabado de nomear tinha a estatura política para garantir a sobrevivência do rebento caso se questionasse a paternidade, só um homem que depressa se tornaria membro da família imperial teria acesso ao gineceu para concretizar o acto; mais importante ainda, só havia um homem imbecil e sem ambição suficiente para ter a confiança do Imperador naquela charneira crucial. Todas as peças se encaixaram num ápice, e Julião viu subitamente o papel que queriam que desempenhasse. Tudo se encaixava na perfeição, salvo no que tocava à sua consciência.

Continuou a empatar. — Vossa Alteza, sinto-me profundamente lisonjeado.

Ela revirou os olhos, exasperada.

— Não se trata de lisonja, asseguro-vos — interrompeu. — Embora

sejais razoavelmente atraente, querido primo, o palácio está cheio de homens assim. Até os eunucos serviriam, se só se tratasse da satisfação de uma mulher. Não, Julião, trata-se de uma necessidade, tanto minha como do Império.

— Mas sois mulher do meu primo. Amanhã caso-me com Helena. Seria dupla traição da minha parte, sem falar na injustiça que vos faria a vós.

Ela olhava-o, espantada, e depois o rosto contorceu-se num ar de desprezo. — Então a gordinha da Helena é a Penélope do teu Ulisses? — Retorquiu. — Ao passo que eu, a pérfida Calipso, estou tão encantada contigo que tenho de recorrer a poderes superiores para te apanhar e manter só para mim? Voltai a ler Homero, meu erudito. Até Ulisses teve a sensatez de perceber que quando a deusa levanta o dedo, não se alega dor de cabeça.

Com isto, fechou o vestido com um safanão, rodopiou nos calcanhares, e marchou sem palavras para fora do quarto, deixando Julião a procurar sozinho a saída para a antessala, onde o encontrei corado de frustração e humilhação, a cabeça num torvelinho e a túnica descomposta.

## VII

NÃO TORNOU A VER EUSÉBIA EM PRIVADO, pois o palácio era grande o bastante para se poderem evitar facilmente, enquanto ele organizava a partida para a Gália e o casamento com Helena. Nessa cerimónia sumptuosa, com a Basílica iluminada pela luz de dez mil velas, que brilhavam dez mil vezes mais no brilho polido das janelas e no ouro dos cálices e ostensórios, olhou para a Imperatriz enquanto entoava o Credo. Viu o que achou ser um lampejo nos olhos escuros por detrás do véu escuro que ela usava sempre em público, e até no acto de se casar, confessou-me, se sentiu lisonjeado pelo facto de ser um dos poucos homens na Basílica, até mesmo em todo o Império, a ter visto realmente o rosto da Imperatriz, e mais.

Helena era gordinha e simples, e estava tão apresentável como poderia estar, num traje de casamento ditado pelos costumes antigos: a túnica sem bainha presa à cintura por um cordão de lã com nó duplo, coberta por uma capa fina cor de açafão, sandálias a condizer, e um colarinho de metal fino ajustado ao pescoço. No penteado delicado usava um *flammeum*, um véu cor-de-laranja incandescente, para cobrir modestamente a parte de cima do rosto. O véu estava preso à cabeça por uma simples grinalda de flores de murta e laranjeira das estufas do palácio, e levava uma única vela branca e pura nas mãos. Parecia a todo o mundo uma versão pesada das

virgens de Vesta. O desalinho habitual do seu cabelo preto fora domado em seis tranças intrincadas, como era costume das noivas. A fechá-las havia a tradicional ponta de lança de ferro, com a ponta dobrada, que a mãe dela dizia ter sido a ponta da arma tirada há muito tempo ao cadáver de um gladiador, quando se dizia que tais armas tinham poderes muito próprios. O rosto dela era quase uma imagem exacta do do irmão, embora lhe faltasse a centelha de inteligência malévola que o dele tinha.

Depois de ele ter entoado o juramento solene e recebido a resposta dela — *Ubi tu Julianus, ego Helena* — a cerimónia misericordiosamente curta foi concluída, e ele levantou o véu da sua nova esposa. A princípio, disse-me, ao olhá-la nos olhos, sentiu caridade por ela e pena de si próprio, como se tivesse feito um grande sacrifício em nome do dever, embora não me soubesse dizer na altura que sacrifício poderia ser. A preocupação dele, ao sair da Basílica e seguir com Helena para os aposentos nupciais, era saber como iria pegar nela ao colo para poder passar a porta.

Os dias a seguir ao casamento passaram num torvelinho de preparativos para a partida de Julião para a Gália. Tal processo foi, se possível, tão frustrante e exasperante para o novo César quanto haviam sido as semanas de espera na *villa* pelo chamamento de Constâncio. O Imperador era mais autoritário para o primo mais novo do que nunca, embora conseguisse ignorá-lo quase por completo. Em ocasiões onde fossem obrigados a ser vistos juntos, cerimónias oficiais e afins, o Imperador tinha uma atitude paternal falsa e forçada que Julião e nós, que a víamos, tínhamos que ranger os dentes para aguentar. Os eunucos faziam o mesmo; quando passavam pelo jovem César, quase que passavam *através* dele, como se ele não passasse de uma sombra, ou quando muito um mendigo que entrara por engano no palácio e tinha que ser educadamente ignorado até dar com a saída outra vez. A Imperatriz Eusébia também não ajudava, ao invés do que fizera antes da investidura de Julião; a rejeição abrupta dele tratara disso mesmo. Andava pelos corredores, atordoado, num cativo esplêndido mas severo, procurando-me quando podia, embora os frequentes incómodos do Imperador e da Imperatriz me deixassem pouquíssimo tempo para o confortar.

Todavia, houve dois acontecimentos que o animaram consideravelmente. Um foi a chegada a Milão do seu próprio médico, um sátiro alegre mas asmático chamado Oribásio, que tratara da saúde e dieta de Julião e do irmão até serem adultos. Quando os rapazes continuaram os estudos e carreiras, Oribásio alegara estar pior da asma e reformara-se precocemente, passando a reforma a compilar uma enorme, e grandemente plagiada, enciclopédia médica. Constâncio insistira que um homem na posição de César não fizesse uma viagem tão árdua sem um médico pessoal e, perante



o ar de incompreensão de Julião, tratara de mandar um esquadrão de guardas a casa de Oribásio, nos arredores de Constantinopla, e de o arrastar pelos cabelos, se preciso fosse, para Milão. Soubera-se que não havia sido preciso recorrer à força, pois Oribásio estava entediado de morte com a sua pesquisa, e acolhera de bom grado a mudança da rotina diária que tinha a ditar e a arquivar. Embora Julião tivesse ficado delirante com a chegada de Oribásio, eu não fiquei nada contente com a condição física do médico, pois era um espécime singularmente inadaptado ao serviço duro na Gália — era tão flácido quanto Constâncio, embora aproximadamente da mesma idade, e coxeava gravemente de *ambas* as pernas, se possível fosse, pois sofria tanto de artrite como de gota. Recreei que o médico fosse mais maleita do que cura numa viagem tão enérgica.

A outra fonte de alegria de César, para grande surpresa de todos, era a sua esposa. Nos dias que passara a vaguear pelos corredores antes de partir para a Gália, e mais tarde na própria viagem, Julião levou muito a sério as novas responsabilidades de marido e amante, para alguém que, tanto quanto eu sabia, nunca tinha estado com uma mulher; e esforçou-se consideravelmente por conhecer as ideias da esposa. Helena tinha mais quatro anos do que ele, e faziam um par estranhíssimo, particularmente para um César. Embora pesasse mais cem quilos do que ele, e fosse mais baixa do que a média, tinha um feitio tão doce como o do irmão era agreste. Ainda era virgem apesar da idade, e que eu soubesse nunca tinha tido pretendentes. A maldade e instabilidade de Constâncio tinham-nos dissuadido, até mesmo aqueles que pudessem ter ultrapassado a aversão pela fealdade dela em troca da oportunidade de virem a ser César e depois Imperador. No entanto, Julião deparara sem querer com o pacote completo, mas estava determinado a levar os votos a sério, e a tirar o melhor partido daquela situação desconcertante.

Quanto aos preparativos para a partida: o tempo urgia, dado que já chegavam relatórios públicos do desastre na Germânia, e seria impossível manter a confidencialidade das notícias por muito mais tempo. Constâncio achava que Julião tinha de se fazer à estrada, e estar bem longe rumo ao seu destino, antes de ter oportunidade de ouvir a confirmação dos terríveis boatos ou portentos, e decidir escapar para a costa na caravana de mulas seguinte. O próprio Imperador, aliás, resolvera acompanhar a comitiva vários dias para lá de Milão, para garantir a solidez da espinha dorsal do seu novo braço-direito.

Quando finalmente chegou a altura de partir para a Gália, um dia fanfarrão de Novembro, o jovem César subiu para a sua poltrona para a saída cerimonial da cidade, ao lado da poltrona idêntica da sua mulher, que resolvera acompanhar o marido. Os carregadores dela, porém, tiveram

dificuldade em levantar o peso do seu fardo, e cada qual fez uma oração à supracitada virgem Santa Lúcia, a qual, quando capturada pelos esbirros de Diocleciano para ser levada para o martírio, se revelou impossível de mover devido ao seu grande peso. Constâncio e o seu enorme séquito, incluindo eu, eram acompanhados por um destacamento daquilo a que o Imperador chamava soldados topo de gama, escolhidos a dedo, esplêndidos, e que serviam de guarda ao novo César. A meu ver, meu Irmão, eram o mais mal treinado e alimentado bando de condenados com que eu já tivera o desprazer de marchar. O próprio Julião observou que a única coisa que tais soldados pareciam saber fazer era rezar, o que, para nossa estranheza e exasperação, faziam incessantemente, a todas as horas do dia e da noite, tanto sozinhos como em grupos, e talvez tivesse sido isto que nos permitiu atravessar os Alpes no meio de Dezembro sem perder um único homem. Se a eficácia das suas preces se puder provar, e estou certo, meu Irmão, de que detestarias que eu pensasse de outro modo, talvez fossem então o destacamento mais eficiente que o Imperador nos poderia ter concedido.

Só quando a comitiva chegou ao ponto de separação designado, um lugar entre Laumello e Pavia assinalado com duas colunas, é que Julião foi informado da queda de Colónia. Na altura eu estava na tenda, a tratar de Constâncio, numa das infundáveis séries de achaques e maleitas, e quando as notícias sobre Colónia chegaram, Julião ficou pasmado a olhar, e depois praguejou contra o primo tão rude e espontaneamente que Helena, também presente na tenda do Imperador, se desfez em lágrimas. Todavia, Constâncio não ficou nada abalado, e nem sequer perdeu o sorrisinho que arvorava a quase todo o momento desde a investidura de Julião.

— Então, priminho — disse ele —, é esta a eloquência que te ensinam na conceituada Academia de Atenas? Tanto melhor que te despachámos e pusemos entre os soldados rasos, onde pertences.

Julião olhou-o, furibundo. — Foste tu que me levaste a isto, Constâncio — votaste-me ao fracasso. Porque diabo não me despachaste de maneira limpa, não consigo imaginar.

— Ah, Julião — porque és da família! E bem podes ser o único homem no Império inteiro a queixar-se do que lhe foi dado. Então, escuta, ingrato: agora viajas fora da minha alçada. Já não tens conferências com magos, já não investigas a natureza dos deuses pagãos. Quer creias quer não, sei das tuas gracinhas com Eléusis em Atenas. A partir de agora, és meu representante, e da Igreja Una. Mais ninguém e mais nada. Podes esquecer isto por tua conta e risco, rapaz.

Apercebi-me subitamente do significado dos ascetas ignorantes que Constâncio mandara fardar e servir de protecção. Julião rodopiou de

fúria, dirigiu-se à poltrona que o aguardava, subiu e fechou as cortinas com brusquidão.

Completamente no calor do momento, e temendo pela segurança do jovem César na viagem, aproximei-me do Imperador momentos depois, quando estavam prestes a levantar a sua poltrona de volta a Milão.

— Meu senhor — comecei —, como sabeis, César tem sido como um irmão para mim desde que nos conhecemos em Atenas. Rogo-vos que me deixeis acompanhá-lo o resto da viagem até ao quartel-general na Gália. Há muitos outros bons médicos em Milão que poderão servir-vos entretanto — mas para o vosso primo, só há Oribásio, que apesar da sabedoria, fica muito aquém no que toca a tratar de César em tão longa viagem.

O Imperador olhou-me com altivez, contente por ter despachado Julião e impaciente por voltar a assuntos mais urgentes na frente oriental. Parecia muito irritado com o meu pedido, não tanto por me perder, mas sim por lhe recordarem um problema que ele achava ter finalmente eliminado momentos antes.

— Sim, sim... — disse, despedindo-se com um gesto absorto, enquanto lia um despacho que um dos generais lhe entregara. — Mas volta, sim, depois de ele chegar a Viena do Ródano?

Não ligou, reparei eu, à questão do meu regresso pelas montanhas no pino do Inverno. A Imperatriz, quando ouviu o meu pedido, olhou-me alarmada, e abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa ao Imperador acerca da imprudência de ficarem sem mim. Constâncio, porém, já conversava com alguém sobre a questão oriental e não tolerava distrações. Virei-me antes que a Imperatriz pudesse dizer alguma coisa que me detivesse, corri para a tenda e para a bagagem, atirei-a para cima do cavalo, e galopei atrás da coluna de Julião, que acabara de partir.

Dirigi-me imediatamente para a liteira dele e anunciei sem fôlego que ele teria mais companhia, se me aceitasse. Ainda tinha o rosto corado de fúria, mas virou a cabeça e olhou-me, surpreendido. Levou um momento a assimilar as minhas palavras, mas quando o fez, o semblante logo se suavizou, estendeu a mão com um largo sorriso e deu-me uma palmada no braço com alegria.

— O quê, vijas comigo, afinal? E todo o caminho até à Gália? Vi-te a cavalgar atrás de nós, mas achei que estavas só a ser amigo e a acompanhar-me à rua, sem ficares pelo umbral da porta.

Sorri também. — Mais amigo do que esperavas — disse. — Pedi licença a Constâncio. Sabática, se quiseres. Só até te ver devidamente instalado numa daquelas cabanas de madeira onde os comandantes vivem em campanha.

Helena ficou radiante com as notícias, pois eu também fora seu

médico na corte, e era tão hipocondríaca como o irmão. Julião, contudo, limitava-se a olhar para mim de olhos arregalados, o rosto pálido com a enormidade da situação a pesar sobre ele.

— Cesário — confidenciou —, eu tinha mesmo grandes expectativas para esta viagem, até para esta nova fase da minha vida. Mas a queda de Colônia é um portento terrível, não é?

Empatei a resposta, sem saber se lhe havia de dizer que já sabia do desastre há algum tempo. — Não é nada, tenho a certeza, que uma mão firme contra os bárbaros não resolve até o ano terminar.

Ficou a pensar em silêncio. — Não há dúvida que tens razão. Seja como for, não importa. Cesário, tive muito tempo nestes dias para pensar no tipo de César que vou ser — aliás, que *não* vou ser. Não serei figura de proa. *Não* serei marioneta do Imperador! É indigno de um filósofo e erudito rebolar-me no chão e implorar a um homem que não tem mais intelecto do que eu, mas somente idade e propensão para matar.

Deve ter reparado na minha expressão horrorizada perante palavras tão traiçoeiras, pois o semblante imediatamente se lhe suavizou e ele tornou a inclinar-se para me dar uma palmadinha no braço.

— Lamento, meu amigo, sobrecarregar-te com o meu ressentimento — continuou. — Mas estou encantado que venhas connosco na viagem. Receio não poder oferecer-te mais do que a posição de médico assistente, visto que deram ao pobre Oribásio as funções principais. Não obstante, acolho de bom grado a tua companhia, pois não vejo grandes hipóteses de conversa entre este bando de eremitas. Mas receio que...

— O quê, Julião? — Perguntei. — És César, o segundo homem mais poderoso no Império. Que há a recear?

— Sou César só de nome — respondeu. — Receio que a minha promoção só me tenha dado a ganhar a perspectiva da morte em circunstâncias mais penosas.

— Decerto não estás assim tão pessimista?

Ele sorriu. — Não, a bem dizer, não estou, particularmente desde que decidi tomar as rédeas desta situação lamentável. E agora que sei que ficarás connosco, amigo, fico muito animado.

— Apraz-me saber disso.

Fez um sorriso retorcido. — Pelo menos agora não vou morrer sozinho.

LIVRO SEGUNDO

# GÁLIA

*Os deuses são difíceis de lidar  
quando vistos em toda a sua glória.*

— HOMERO

*GALLIA EST OMNIS DIVISA IN PARTES TRES.* Assim começa o famoso tratado de autoria do príncipe dos cronistas militares, o endeusado Júlio, na sua conquista da Gália, cuja releitura empreendi na nossa viagem, com um interesse e imperativo que haviam faltado liminarmente aos meus anos de estudo do texto na escola, quando me tinham obrigado a concentrar-me mais no rigor e na elegância da prosa latina do general do que nas preocupações da sua estratégia militar.

*A Gália inteira está dividida em três partes.* Ora, dado que, e como Virgílio disse, «Afigura-se-me um cenário mais grandioso, e empreendo uma tarefa maior», parece ser altura propícia para recuar um pouco, examinar brevemente a região a que o destino nos trouxe. Muito mudou desde que Júlio César e as suas legiões varreram o interior da Gália há quatrocentos anos, levando o fogo e a devastação a centenas de aldeias e vilas bárbaras, matando e escravizando um milhão de homens, apagando liminarmente da História e da existência inúmeras tribos e suas características distintivas. As três divisões tribais originais, os Belgas, os Aquitanos e os Celtas, foram largamente eliminadas, excepto para fins administrativos, e a ocasional rivalidade atlética interlegiões. Não restam quase nenhuns vestígios das outrora orgulhosas nações cujos nomes infundiam o terror nos primeiros colonos romanos da região: os Treviri, mais perto do Reno; os Remi e outros Belgas; os Santoni e os Veneti pintados; os misteriosos Morini e Menapii, que viviam nas vastas e brumosas cordilheiras da Floresta Negra e nos pântanos; os Pleumoxii de membros fortes e os Parisii de Lutécia; os Aulerci Brannovices e suas nações irmãs, os Aulerci Eburovices e os Aulerci Cenomani; os Lemovice e as outras tribos cujos territórios cotejam o oceano; os bélicos Bellovaci, os desnudados Atrebates, e todos aqueles nos estados na remota península celta, que no seu dialecto se chamavam Armoricae; todos desaparecidos.

Em seu lugar, as imensas planícies vazias, florestas escuras, e costas selvagens da Gália foram domadas, moldadas e recortadas, e completamente inseridas nos confins culturais e económicos do Império Romano. Os homens altos e brancos, cujos olhares selvagens e naturezas ferozes costumavam assustar os forasteiros, já não são fonte de assombro. As antigas mulheres gaulesas, guerreiras aterroradoras, de quem se dizia que, com pescoços inchados e a rilhareem os dentes, agitavam os enormes braços brancos e despejavam torrentes de murros e pontapés mortíferos

em inimigos e maridos, amansaram e cultivaram-se com o tempo, tornando-se damas espirituosas e inteligentes cuja presença até enfeitaria satisfatoriamente o palácio de um imperador romano. Onde outrora toscas paliçadas de pau protegiam palhotas das invasões dos lobos, ursos e tribos nómadas, florescem agora poderosas e ricas cidades romanas, de Marselha à costa mediterrânica e a Paris no Norte. Os Gauleses tornaram-se cidadãos romanos e têm servido nas mais altas esferas da administração e das forças armadas do Império. As legiões gaulesas são conhecidas e temidas em todo o mundo pela sua estatura magnífica, bravura aguerrida, e completa lealdade ao Imperador. Bibliotecas, monumentos e igrejas sofisticadas pontilham a paisagem. O grande teólogo cristão Ireneu, adversário dos Gnósticos, é oriundo da cidade de Lião; e até as aldeias mais pequenas, de Venasque alcantilada na montanha a sul, a Bourc'h Baz nos vastos pântanos salgados e de salicórnia da península celta no noroeste longínquo, estão protegidas pelas grossas muralhas e guarnições auxiliares que são verdadeira extensão do poder da própria Roma.

A Gália tornou-se romana; aliás, tornou-se Roma. E a invasão germânica da Gália foi por isso mesmo um golpe no coração da própria Roma.

## II

NO DIA SEGUINTE À SAÍDA DE CAMPO DO IMPERADOR, Julião deixou-se ficar fechado na sua liteira, a matutar.

Esporeei o cavalo pelo meio dos ascetas que tentavam acompanhar os incansáveis portadores das liteiras. Os recrutas exaustos e despreparados lançavam olhares ansiosos ao meu cavalo, e continuavam com passadas irregulares. Eram ridículos no papel de soldados romanos, embora eles nada vissem de cómico na sua situação; nem eu via, considerando o facto de que, em duas semanas, passaríamos por territórios que não há muito tinham estado sujeitos às incursões sanguinárias dos bandos vadios de guerreiros alamanos. *Deus Todo-Poderoso, rezei eu: Obrigado pelo apoio espiritual que nos deste na pessoa destes monges; um punhado de bons arqueiros, porém, teria sido ainda mais bem-vindo.*

Trotei até à liteira de Julião, saudei-o calorosamente, e ele correu a cortina, absorto. Helena, que ia noutra liteira atrás da sua, permanecia velada. Um grupo de soldados eremitas atrás de nós rompeu num hino desafinado mas entusiástico, para nos levantar o moral.

— César... — comecei eu, mas ele demoveu-me com um gesto cansado.

— Não troces de mim, Cesário. Sempre fui simplesmente Julião para ti, e só por ter sido investido de um título fingido, não passo a ser da realeza. O meu nome basta perfeitamente.

Fez um sorriso débil, fechou os olhos um momento, como se estivesse exausto.

— Não dormi bem esta noite — disse após uma pausa. — As pressões do comando, imagino, se é que se lhe pode chamar isso. Que ironia. Sigo o caminho do meu antecessor, Júlio César, para recapturar o que ele tão brutal e magnificamente tomou há quatrocentos anos. Será destino do homem repetir constantemente os mesmos erros, ganhar Roma e depois perdê-la?

— Não é destino, é vontade. Posso falar com franqueza?

— Não aceito nenhum outro modo.

— Estás por tua conta agora, daqui até Viena do Ródano. É perigoso. És dono de ti próprio, pela primeira vez em meses, talvez mesmo em toda a vida. É uma benesse. Tens trezentos e sessenta monges cantores, que nesta altura já são mais fonte de divertimento do que de protecção. Em potencial é uma coisa... bem... o que quisermos que seja. Também tens um enorme comboio de mantimentos, embora tenhamos que nos deitar a adivinhar que mantimentos são, pois o Imperador parece ter-se esquecido de te nomear um camareiro. E tens quatro oficiais do exército romano para te aconselhar, vários dos quais são, parece-me, uns rapazolas.

Com isto, Julião endireitou-se do seu abandono letárgico e olhou para mim com franco interesse.

— Talvez — continuei, a apalpar terreno — seja boa altura de debater as qualidades dos teus “conselheiros”? Pelo menos tanto quanto os conheço?

— E quanto conheces deles?

— Confesso que é grandemente por observação, mais do que por conhecimento em primeira mão. Mas sou médico, Julião — tenho competência a diagnosticar homens, tanto no corpo como no temperamento. Vivi na corte, tenho ouvido os eunucos e cortesãos a murmurar, tenho visto em quem o Imperador confia, quem ele despreza.

— Basta! — Julião interrompeu com uma gargalhada dúbia. — Não é preciso apresentares credenciais, estou convencido. Por quem és — conta-me dos meus “conselheiros”.

Olhei com curiosidade para os portadores das liteiras, cujos olhares encapuzados nada revelavam de interesse na conversa, mas que mesmo assim podiam ouvi-la.

— Talvez seja melhor falarmos em grego — sugeri, ao que ele anuiu, aliviado.

— Os primeiros dois dos teus conselheiros — continuei — são



Pentádio e Gaudêncio. Se eu não soubesse já que Constâncio não tem sentido de humor, pensaria que tais jumentos te tinham sido concedidos na brincadeira. Não valem mesmo nada como oficiais, embora já tenham provado a sua capacidade de pedinchar e sugar os generais que têm servido. Não imagino que o Imperador os tenha achado úteis para ti, pelo que só posso concluir que os mandou para não ter que os sustentar em Milão. Seja como for, agora são teus, até decidires mandá-los embora.

Julião suspirou. — Outro bom augúrio para começarmos a viagem. Quem mais temos?

— O terceiro homem chama-se Paulo, na verdade não é oficial, mas sim um lambe-botas de Constâncio, e espião.

— Queres dizer o espanhol, aquele a quem chamam Correntes? Tem um ar inocente, mas já reparei que parece estar sempre a sussurrar aos ouvidos do Imperador.

— Esse mesmo — confirmei —, para tua pouca sorte.

— Hein? E porquê tal epíteto, Correntes?

— Ganhou-o há vários anos, quando o Imperador o mandou à Bretanha buscar certos oficiais que tinham sido acusados de conspiração. Foi muito além das ordens originais, e baixou como um remoinho em toda a província, apoderando-se de mercadorias e gado e até propriedades inteiras em nome de Constâncio. Mandou algemar uma grande quantidade de homens livres e cidadãos, e arquitectou um monte de acusações falsas. Acabou por regressar ao palácio do Imperador coberto de sangue, e a arrastar uma corrente de prisioneiros num estado lastimável. Quando chegaram, até aconselhou o carrasco quanto ao tipo de ganchos e instrumentos de tortura que seria mais eficaz em determinados prisioneiros para os fazer confessar crimes imaginários. Desde aí que lhe chamam Paulo Correntes.

Julião olhava-me. — Incredível. E é este homem que o meu primo mandou para me acompanhar?

Assenti.

— E que devo fazer com ele?

Encolhi os ombros. — Mantê-lo o mais longe possível de ti.

Virou-se e olhou a direito com um ar chocado. — Temos então duas sanguessugas e um espião? Quem é o quarto homem, Cesário?

— Não o conheço. Só se juntou a nós esta noite. Pelo porte parece ser nobre. Viaja separado dos outros três. Talvez seja bom sinal.

— Deveras. — Julião franziu os lábios e calou-se, a pensar. — Chama-o cá, se fazes favor. Gostaria de dar uma palavrinha a esse homem.

Voltei atrás para ir buscar o estrangeiro onde ele cavalgava nas últimas fileiras, a vigiar os desistentes que se tentassem sentar à beira da estrada, a quem batia com a espada. Era alto, magro, quase escanzelado, com olhos

azuis coruscantes e nariz comprido cuja proveniência não era romana. A pele era escura e curtida, como a de um camponês que passa a vida inteira ao ar livre e nas intempéries, mas tinha um porte gracioso, e os trajés, embora simples, eram de qualidade e corte que indicavam custar muito mais do que os meios de um simples funcionário. Era um homem calado, que preferia o hábito da nobreza romana de dar ordens com um gesto da mão ou um olhar; quando se virou para o meu chamamento, reparei que o corpo ficara tenso e preparado, como um cão de caça ao javali, bem treinado a apanhar o cheiro da presa. Falava latim com facilidade rígida e uma ligeira entoação estrangeira quase imperceptível, e que eu não sabia situar — um daqueles estrangeiros que foram tão bem ensinados que falavam latim melhor do que romanos nativos, traindo assim as suas origens pela capacidade de falar com *demasiada* correção. Escutou-me, e depois, no que me pareceu relutante, esporeou o cavalo para tomar lugar ao lado da liteira de César que balançava, enquanto eu seguia logo atrás.

Quando chegámos, puxou as rédeas ao cavalo e fez continência com toda a elegância.

— Mandaste chamar, César?

Julião olhou para ele. — És o homem que se juntou a nós ontem, mesmo antes de nos separarmos do Imperador? Nem sei o teu nome.

— Salustiano — disse o homem, com simplicidade. — Segundo Saturnino Salustiano.

— Salustiano — repetiu Julião, em tom pensativo. — Nome invulgar. És romano?

— Sou. O meu pai era gaulês romanizado, cidadão e nobre, e tenho feito carreira ao serviço do Imperador.

— Cresceste — na Gália?

— Sim, César. A propriedade de meu pai ficava nos arredores de Marselha.

— És diferente dos outros homens que o meu primo me destacou. Que crime horrível cometeste para teres o prazer desta fraca companhia?

O homem fez um sorriso sardónico. — Sou voluntário.

Julião quase se engasgava. — Voluntário? Por Deus, porquê?

O homem olhou-o cuidadosamente um longo momento. Por fim, virou o olhar para o ponto habitual, no horizonte, e encolheu os ombros.

— Porque acredito, parece-me — disse, passando para grego com facilidade, para grande surpresa de Julião. — Acredito que é preciso sangue novo entre o comando romano na Gália. Acredito que faz falta um homem que não venha da escola de saque e abuso para domar a província. Se tal se traduzir no jovem e inexperiente primo do Imperador, que fala grego — tanto melhor, talvez.

Julião olhou-o. — Sabes que não é esse o mandato que tenho do Imperador.

Salustiano não se deixou demover. — Também acredito que as Parcas não te querem como mera marioneta. E mais, que também não fazes tenções de ser uma.

— Salustiano, partamos do princípio de que estavas no meu lugar. Que farias agora?

O homem falou como se estivesse à espera de tal pergunta.

— És César. Foste legitimamente nomeado, devidamente investido. Seja qual for a tua experiência, ou falta dela, deram-te o comando de uma província. Deves identificar as tuas oportunidades, agarrar a autoridade que te foi concedida, e desempenhar o teu papel — o papel de *César*.

Julião contemplou-o, de olhos arregalados e em silêncio. — É a primeira vez que alguém disse com sinceridade, em tantas palavras, o que eu próprio sinto desde que fui nomeado para este cargo desgraçado.

— Porque é a verdade. A tua própria sobrevivência depende disso. E mais — a de Roma também.

Julião respirou fundo e endireitou os ombros. Era visível para mim que já começava a gostar, e mais importante, a confiar, naquele estrangeiro. Subiu-lhe aos lábios o esboço de um sorriso.

— Dado que não pareces ter problemas em falar com franqueza, Salustiano, pergunto-te novamente, e talvez desta vez sejas mais específico: se estivesses no meu lugar, que farias?

Salustiano sustentou o olhar dele e falou com calma e exactidão.

— Primeiro, obriga esta turba a marchar como uma coorte romana, ou seremos carne para os lobos bárbaros quando descermos pelos Alpes.

— Podes fazer isso?

Pensou um momento. — Não sou militar de carreira, mas sim, já fiz comissões de serviço. Teremos de roubar tempo à marcha para treinar. Precisarei de três semanas.

Julião escarneceu. — Depressa estaremos em Dezembro. A neve fechará os desfiladeiros em poucos dias. Dou-te uma semana.

— Parece justo.

— E que queres que eu faça — que seja soldado também?

— Isso, César, é contigo. Se mo ordenares, di-lo-ei.

— Ordeno-to. Um bom e sólido soldado romano. Que devo fazer?

— Podes não gostar de ouvir.

— Sou filósofo. Apanho o que a vida me dá.

O homem calou-se e respirou fundo. Depois virou-se directamente para Julião.

— Muito bem. Primeiro, levanta o rabo dessa cadeira.

Julião olhou-o, espantado, e depois o sorriso retorcido tornou a arvorar-lhe aos cantos da boca. Passou para latim e ordenou aos portadores que pousassem a liteira.

Com um suspiro de alívio colectivo, a procissão inteira parou imediatamente, e os ascetas caíram no chão, exaustos, dando graças a Deus o tempo todo. Julião saiu da poltrona da liteira. Reparei nas cortinas da liteira de Helena, e no seu rosto velado a espreitar com curiosidade.

Salustiano desmontou e pôs-se em frente dele, com mais uma cabeça de altura.

— Agora, despe a toga.

Com isto, Julião soltou um suspiro de alívio e despiu as elaboradas vestes cerimoniais, que estava sempre a tentar ajeitar e endireitar nos ombros. Deu ordens a um dos portadores, que procurou no saco que estava dentro do compartimento até encontrar uma túnica velha e puída e uma capa de lã que Julião vestiu para se proteger da frescura do ar.

Salustiano avaliava o corpo de Julião com ar crítico, e reparou no peito e nas pernas finas e na barriguinha que começava a despontar.

— Estás em boa forma? — Perguntou, em tom duvidoso.

— Trago o meu médico — respondeu Julião com ar confiante, acenando para mim. Salustiano lançou-me uma olhadela e resfolegou.

— Não foi isso que eu perguntei — disse. — Tenho de saber se és forte. Um corpo fraco é um fardo para a mente. A arte da medicina já fez mais dano do que todas as doenças que alega curar. Não sei quais as afecções que os médicos podem sarar, além de ligarem feridas de combate, coisa que eu próprio sei fazer. Mas sei as doenças que eles causam: preguiça, credulidade, medo da morte. Não me importa que possam fazer os cadáveres andar; o que a tua gente precisa é de homens, e o teu médico não no-os pode dar.

Julião estava abismado com esta diatribe. Olhou para mim, na incerteza, embora, debaixo do olhar furibundo de Salustiano, não parecesse capaz de o desafiar. Por fim, recuperou a língua.

— Homero disse que um médico vale muitos homens.

— Deixa que seja Homero a liderar as tuas tropas, então.

Julião suspirou, resignado. — E mais? — Resmungou.

— Nada de sandálias da corte.

Olhou para baixo, para os pés, surpreendido. Toda a vida usara aquele calçado de sola fina e correias folgadas, e nunca lhe ocorrera que pudesse ter falta de outro.

— Não posso andar descalço.

Salustiano olhou para trás, para um dos vagões de mantimentos parado a pouca distância. Trotou até ele, falou rapidamente com o escravo que conduzia as mulas, o qual levantou o oleado e começou a remexer nuns

caixotes mais atrás, até encontrar finalmente o que Salustiano procurava. Este voltou para junto do Imperador, que tinha um ar algo envergonhado, ali de pé, diante da multidão de ascetas e da sua mulher, e passou-lhe um par de sandálias romanas de combate.

Julião assobiou quando lhes pegou: pelo menos um centímetro de couro de boi, duro como uma tábua, com dezenas de pregos que saíam da sola para melhor aderência. Havia juntas de metal na ponta dos dedos, e correias grossas e flexíveis a aconchegar os artelhos e a barriga da perna quase até ao joelho. Atou as correias, endireitou-se e deu umas passadas, com as pernas rígidas.

— Parece que tenho barcos nos pés. Barcos pesados. — Depois começou lentamente a sorrir. — Barcos romanos.

— Perguntaste-me o que devias fazer.

— Pois foi. E agora?

— Agora, marcha.

### III

ASSIM COMEÇOU PACIFICAMENTE A ASCENSÃO do erudito Julião a soldado, e não deve ter havido um começo menos auspicioso para a carreira de um guerreiro desde Telémaco, que foi roubado da orientação firme de seu pai, Ulisses, até ao dia em que se viu impelido para a batalha contra os cento e trinta e seis pretendentes de Penélope.

Começou a recrutar com Salustiano, e a dificuldade do regime do mestre só perdia para a teimosia do aluno. César nunca na vida sofrera a mais ínfima provação física. Até então, só treinara a mente: cursos de filosofia, retórica e composição, obras literárias gregas de bons autores. Já terás ouvido dizer que os filhos de gente menor não devem ser instruídos, com a justificação de que as melhores hipóteses que têm de subir estão na vida militar. Como diz o ditado «ganha-se um soldado, perde-se um erudito». Tal gente remete para as mais temíveis das nações bárbaras, os Francos e os Hunos, cujos líderes são soldados por formação e hábito, e que desprezam o conhecimento por ser indigno das suas capacidades. Que eu saiba, porém, em quase todos os casos, os líderes militares realmente bem sucedidos são educados minimamente, e se não forem, têm vergonha da sua ignorância e procuram remediá-la.

É certo que a educação de Julião não tinha negligenciado os clássicos de história militar, como Tucídides a narrar a guerra dos nove anos por três vezes entre Esparta e Atenas, e o embelezamento descarado que Temistógenes fez da campanha persa de Xenofonte. César também não

desconhecia a devastação que o povo romano sofrera às mãos das tribos germânicas durante séculos: a perda de cinco exércitos inteiros, todos comandados por cônsules; a destruição até do supremo General Varo e de três legiões; embora os germânicos tivessem sido derrotados várias vezes, por Caio Mário em Itália, Júlio na Gália, e Tibério e Germânico nos respectivos territórios nativos, tal só se alcançara com grande dificuldade e enormes perdas romanas. Julião era versado em teoria estratégica, os usos e benefícios da política diplomática e da coerção para facilitar objectivos militares, e outras grandes questões tal como se abordam nos clássicos. Todavia, quando a força que marcha num território hostil consiste em trezentos e sessenta ascéticos com pés doridos, e a sobrevivência está em jogo, tais lições de teoria política internacional e alianças militares estratégicas pouca importância têm. O que Salustiano tentava incutir nele, naquele momento e em anos vindouros, eram aquilo a que poderei chamar as artes militares menores: instrução e tácticas básicas, protocolo militar, utilização do arco, da lança, da espada, equitação eficaz; e Salustiano começou pela marcha.

Santo Deus, Salustiano massacrava-nos incessantemente, e não era questão de o fazer no bem tratado Campo de Marte, pois ainda era necessário avançar a cada dia o bastante a caminho de Viena do Ródano. Durante uma semana inteira praticámos o passo de marcha de Pirro e manobras respectivas ao som de um tambor exasperante de tão monótono, onde o próprio Salustiano batia, e do guincho de uma gaita-de-foles que um dos eremitas tocava com hesitação, o qual, em rapaz e pastor, aprendera uma única melodia, que agora repetia sem cessar. A única concessão que Salustiano fazia às exigências da viagem era deixar-nos parar nos Alpes, talvez uma hora mais cedo a cada dia do que teríamos feito, e nessa altura massacrava-nos mais três horas debaixo de um céu de ferro que prometia chuva, até os mais fracos caírem, de joelhos a tremer, a sussurrar preces ou pragas, e o rosto de Julião ficar pálido e pesado. O médico Oribásio até se recusou a assistir ao fim de um dia ou dois, as mãos papudas a adejarem de impotência e a cabeça calva a abanar com a aflição. Eu marchei a cada passo de instrução com as tropas, quanto mais não fosse para desempenhar melhor a minha missão de olhar pela saúde de Julião. O aparato deu azo a que Pentádio e Gaudêncio se divertissem, tentando fazer o mínimo possível para ajudar ao esforço de Salustiano. Paulo Correntes, regra geral, mantinha-se na sua própria tenda, privando-nos da sua companhia, o que poucos pareciam lamentar.

Felizmente, com duas semanas de sessões de instrução ao fim da tarde, a maralha maltrapilha começara a imitar uma imagem razoável de um destacamento militar romano, pelo menos na marcha ordeira e

na disciplina, que tinham sido naturalmente prioridade de Salustiano. O medo inicial do homem mais velho fora que, se os batedores alamanos, que frequentemente nos espiavam do alto das cordilheiras, tivessem reparado no bando caótico e esfarrapado de civis que abria caminho pelos sopés numa caravana a perder de vista, fôssemos presas fáceis para ataque e carnificina. Este perigo já fora contornado, e como se costuma verificar quando a disciplina se instaura, o moral também melhorara. Aliás, até me atrevo a dizer que esta fase terá sido das mais felizes na vida de Julião — pois que jovem não ficaria feliz, liberto de um cativo virtual numa cidade que detestava, às mãos de um homem que odiava, por viajar em novas terras com uma nova mulher, e de posse do anel de César, para cúmulo?

Quando, passado um mês, finalmente chegámos à cidade romana de Viena do Ródano, capital da Gália Vienense, cento e sessenta quilómetros acima da foz do Ródano no Mediterrâneo, foi ao som dos gritos de júbilo das tropas, que não podiam ter sido mais sentidos do que os dos homens de Xenofonte ao verem o mar pela primeira vez. Além disso, e para surpresa e alegria de todos, ao júbilo das tropas juntou-se o do povo da elegante cidade, que saudou a chegada de Julião como se ele fosse a resposta às suas preces. Enchiam as ruas, vinham do campo quilómetros ao redor, como as multidões de Jerusalém naquele fatídico dia, três séculos antes, engrossando a população da cidade três vezes mais. Desfilaram em frente dele pelo caminho, a cantar encómios ao jovem comandante que os livraria dos bárbaros e lhes devolveria a anterior prosperidade. Olhavam com avidez para a pompa real por ele ser um príncipe legitimamente investido; e ficaram encantados quando os soldados dele se lançaram espontaneamente num hino perfeitamente modulado de glória e louvor, cantado em latim eclesiástico, em vez das cantigas obscenas e entoações de marcha toscas que estavam habituados a ouvir dos soldados que chegavam.

Nessa tarde, os monges guerreiros de Julião celebraram uma missa solene na Igreja de Santo Estêvão, em agradecimento por chegarem sãos e salvos, e Salustiano deu-nos a primeira folga daquele mês, sem instrução nocturna, com o aviso sério de que recomeçaríamos no dia seguinte. Depois participámos num banquete que envolvia toda a cidade, patrocinado por patrícios locais, composto de quinhentos borregos assados, a primeira carne fresca que comíamos desde a saída de Milão. A ocasião era deveras histórica — pois até Salustiano sorria.

Mais tarde, muito depois de o último soldado dizer as suas orações e se retirar, Helena mandou um mensageiro ao quartel onde eu dividia um quarto com Oribásio, para eu ir ao palácio do Bispo, onde ela e o marido estavam temporariamente alojados. Cavalguei sem fôlego no cavalo que o mensageiro me trouxera, aflito que Julião se tivesse ferido ou estivesse

indisposto com o festim inusitado daquela noite. Pelo contrário, era ela que se sentia esquisita, com sintomas que normalmente não teriam alarmado quem os tivesse, mas que nela eram motivo de ralação, pois sendo uma rapariga excepcionalmente robusta e saudável, e naturalmente com muito apetite, nunca na vida sentira o menor vestígio de indigestão.

Examinei-a brevemente, conhecedor como era da sua história familiar, e antes do que esperava, saí da residência do Bispo a sorrir de alívio, e com Helena assaz corada com o resultado da minha palpação e inquirição.

A mulher de César estava à espera de bebé.

#### IV

AS NOTÍCIAS CORREM DEPRESSA NO IMPÉRIO, e os boatos pessoais ainda mais; dir-se-ia que as novas da gravidez de Helena tinham sido transmitidas por sinais de fogo, de torre para torre, o caminho todo até Milão, pois nem duas semanas volvidas desde o exame que eu lhe fizera, Julião recebeu uma mensagem da Imperatriz Eusébia — o primeiro contacto pessoal que tivera dela desde a infeliz entrevista no palácio. Eram só três parágrafos, dizendo que tinha um compromisso e que estava a escrever à pressa para ir a tempo da partida do correio militar, mas que ouvira as maravilhosas notícias do estado interessante de Helena, e que queria ser a primeira a felicitar o feliz casal pela sua boa fortuna. A carta estava assinada a traços largos e floreados encantadores. Depois de recuperar da surpresa inicial, Julião apressou-se a mostrar o papel à esposa.

Helena, como seria natural, ficou orgulhosa e encantada, e rapidamente ficou com o pergaminho, para o guardar cuidadosamente num missal com iluminuras encadernado a marfim, que levava consigo para toda a parte. Os receios de Julião de que Eusébia lhe guardasse rancor estavam agora dissipados, e ele escreveu-lhe em tons tão efusivos quanto os dela, elogiando a orientação que ela dava à corte, e gabando-lhe a sabedoria e a influência nas decisões do Imperador. César sentia que as suas preocupações com intrigas políticas na corte de Milão já não tinham razão de ser, e de cabeça leve, pôde concentrar-se na questão que tinha entre mãos — estabelecer a sua posição na Gália.

Apesar dos danos que os bárbaros andavam a fazer na paisagem campestre circundante, Viena do Ródano era um centro extraordinariamente apropriado para ele continuar a sua educação militar e política sob a alçada de Salustiano. Aqui, embora não passasse de uma capital de província, Julião encontrou uma corte e um centro administrativo com alguma sofisticação.



Era a principal cidade da província, e nela passava todo o comércio que subia e descia o Ródano. A cidade tinha a servi-la uma estrada militar bem mantida, que passava por Lião a norte e se dividia em duas artérias que serviam Reims e Paris a noroeste, e Estrasburgo, Mainz e Colónia a nordeste. O exército romano da Gália estava agora no aquartelamento de Inverno em Reims, às ordens do General Marcelo, oficial de cavalaria de que Salustiano desdenhava em segredo; e o velho Ursícino, o antecessor de Marcelo no comando do exército, cuja merecida reforma Constâncio atrasara para ele servir de conselheiro ao, ou observador do, seu sucessor. Entretanto, Julião só comandava directamente em Viena os monges guerreiros que o tinham acompanhado desde Milão, e as guarnições de Viena e várias outras cidades vizinhas, o que se traduzia numa força que, se consolidada e retirada às suas obrigações actuais, poderia totalizar duas mil cabeças. E não tinha ilusões quanto ao que os comandantes veteranos de Reims pensavam do novo César que fora nomeado para os suplantar. A expressão “figura de proa” saiu de muitas bocas para lhe descrever a posição, naquele tempo.

Se, como Sócrates disse, só um homem sábio compreende o pouco que sabe, Julião era o mais sábio de todos, pois depressa chegou à conclusão de que era tão ignorante em matérias de administração civil quanto fora na marcha a passo ritmado; nesse sentido, felizmente, o calado Salustiano era um conselheiro tão capaz quanto fora um bom sargento de instrução. Embora de origem gaulesa, Salustiano era completamente cidadão romano na educação e nos gostos. Era culto, honesto, leal aos seus deveres, e nos anteriores cargos que tivera como funcionário e governador distrital do antecessor de Constâncio, ganhara muita experiência em questões de administração. Mais importante ainda, via Julião como um aluno dotado, cuja sobrevivência, aliás, a sobrevivência da própria presença romana na Gália, dependia das competências que Salustiano fosse capaz de incutir enquanto mentor do jovem César.

No topo da lista de Salustiano estava a necessidade de Julião se familiarizar com as fontes de receitas da província, as quais consistiam principalmente em três tipos de tributos, cada qual diferindo em grau de eficácia, mas relativamente conhecido pela crueldade. O primeiro era uma requisição flagrante, pela qual os que trabalhavam em pequenas lavouras, ou seja, a esmagadora maioria dos habitantes da província, eram obrigados a alimentar o exército romano mediante contributo de provisões. Neste sistema, o tamanho de uma contribuição não era necessariamente calculado em função da crise imediata, mas sim para obviar aos caprichos dos cobradores, que pouco se ralavam em determinar se o lavrador tinha realmente as provisões com que devia contribuir. Quando um lavrador não o podia fazer, o que equivalia à maior parte das

vezes, o pobre diabo era obrigado a ir buscar a outro lado os alimentos e forragens obrigatórios, por vezes adquirindo-os a preços ruinosamente inflacionados em paragens longínquas, e depois transportando-os para onde quer que o exército estivesse aboletado. O efeito puro e simples de tais requisições no governo de Constâncio traduzira-se na bancarrota de muitos proprietários de lavouras, com o perverso resultado de os afastar das suas terras, ficando assim o exército com ainda menos provisões do que teria de outro modo.

O segundo método de tributação era o imposto, e aplicava-se às almas desafortunadas que tinham sido empurradas para a fome pela anterior requisição, ou que já tivessem soçobrado. Era um tributo que recaía, como que do céu aos trambolhões, nesses mesmos proprietários, para os penalizar por terras que tivessem sido abandonadas ou retiradas de produção, e continuava a ser pagável até por compradores subsequentes que tentassem apoderar-se das terras e voltar a explorá-las.

A terceira aplicação eram as “cobranças especiais”, que se podem descrever muito rapidamente. Aplicavam-se a detentores de propriedades e bens perpétuos e livres de vínculos, nas cidades, e incidiam, aleatoriamente, tanto na regularidade como no montante. Como se este tributo não fosse mau o bastante, alguns anos antes, quando a peste varrera as cidades da região, deixando um rasto de morte e propriedades vazias, Constâncio mostrara-se inclemente para com esses proprietários livres arruinados. Mesmo assim, exigira o pagamento anual do tributo, e não somente o montante em que cada indivíduo era avaliado, mas sim o montante que os falecidos vizinhos deviam também. Tratava-se de mais uma exigência a todas as outras que assolavam os residentes nas cidades fortificadas como, por exemplo, terem de sair dos seus melhores cómodos para deixar as tropas instalarem-se, servirem-nas como escravos, e ficarem reduzidos a dormir nas mais raquíticas barracas e palhotas da propriedade.

Tal como Julião depressa saberia, a província estava praticamente falida, com as receitas fiscais quase a zeros, e as acções de extorsão dos cobradores de Constâncio, habitualmente implacáveis, num impasse. Tal devia-se, por seu turno, à situação de segurança: a queda de Colónia tinha de facto sido sintomática de problemas muito mais profundos. Nos últimos dois anos, quarenta e cinco cidades prósperas — Colónia, Trèves, Vórmia, Spires, além de incontáveis vilas e aldeias — haviam sido pilhadas pelos germanos e largamente reduzidas a cinzas, número que nem sequer incluía cidadelas e fortificações menores. Os bárbaros tinham-se apoderado da terra do lado romano do Reno, desde as nascentes no Lago Constança até ao oceano, e haviam criado colonatos e quintas até cinquenta e cinco quilómetros de cada lado desse rio. Ao fazê-lo, tinham escorraçado colonos

romanos de uma área três vezes superior a essa distância, dentro da qual os cidadãos nem sequer podiam mandar o gado pastar.

Possivelmente o único aspecto redentor, se é que lhe podemos chamar isso, era a peculiar estratégia territorial dos bárbaros. Com efeito, depois de invadirem uma área civilizada, tinham por hábito não ocupar as cidades, pois preferiam destruir simplesmente muralhas e deixá-las abandonadas ou pouquíssimo habitadas por ocupantes ilegais vindos do campo. Curiosíssimo, os alamanos preferiam acampar nos arredores ou, melhor ainda, nas matas e campos circundantes. Tal devia-se ao facto de a maioria dos bárbaros ser, na verdade, selvagem, acostumada a viver a céu aberto ou escondida em densas florestas, e de encarar as cidades com medo e repulsa. Tal como Julião viria a descobrir, este hábito, como tantos outros, poderia revelar-se vantajoso para um general que soubesse usar a cabeça, aquando da reconquista da região, pois significava que, embora os ocupantes inimigos pudessem ser destrutivos e perigosos, não estavam enraizados; estavam meramente alojados em campos de milho em pousio, e não barricados em muralhas nem entrincheirados em caves.

Mas chega de história e geografia, meu Irmão. Pareço um velho mestre-escola, e parte do motivo dever-se-á a que tenho dificuldade em abordar a fase seguinte da minha narrativa. No entanto, saliento que, se Constâncio esperava que o primo fosse o mais maleável e neutro dos súbditos, que pudesse nomear para um cargo vazio e esquecer-se prontamente dele, Julião recusou liminarmente tais planos para si próprio, nem permitiu que tal noção fosse veiculada aos administradores romanos e gauleses que estavam sob a sua tutela. Desde a sua chegada a Viena do Ródano, com o franco encorajamento de Salustiano, requisitou aposentos, provisões e criados necessários para criar um quartel-general digno do recentemente nomeado César em campanha. Nada de luxos, repara bem, pois luxos e ostentação eram características que Julião desprezava nos outros e das quais ele mesmo fugia — mas suficientes para projectar a imagem de poder e autoridade que sentia ser-lhe devida.

Passava dias esgotantes, mas não abdicava das exigências que fazia a si mesmo todas as noites. Após um curto e simples jantar com Helena, retirava-se para os seus gabinetes, onde passava o resto do serão, por vezes até de madrugada, a ditar correspondência a uma equipa de secretários que trabalhava por turnos. Com isto intercalava leituras extensas de filosofia, particularmente Platão e o seu amado Marco Aurélio. Era o único homem que conheci para quem as revoluções do Sol e da Lua nada significavam — raramente dormia mais de duas ou três horas seguidas, e isto sempre que sentisse necessidade, várias vezes durante o dia. Manteve este hábito enquanto o conheci, e uma vez vi-o a fazer uma curta sesta momentos antes

de decidir mandar os generais com vinte mil homens para a batalha. A vantagem era, claro, que o inimigo nunca encontrava ocasião de o apanhar de surpresa, pois trabalhava e pensava nas horas mais remotas da noite. A desvantagem era que, quando tinha de consultar um conselheiro ou amigo, essa pessoa era imediatamente convocada, fosse qual fosse o estado de vigília em que se encontrasse.

E assim aconteceu que, na hora mais negra antes do amanhecer, quando as únicas almas acordadas e de pé eram sentinelas ou outros homens a isso obrigados por dever, propensão ou sofrimento; na hora em que um homem se sente mais abandonado à solidão da noite e às forças do mal e da tentação; quando o próprio Deus parece desaparecer nessa hora tremenda e aparentemente infundável antes da alvorada; mesmo antes de Aurora das vestes de açafraão sair das torrentes de Oceano para levar a luz a imortais e mortais sem distinção, bateram à minha porta.

Para um médico, baterem à porta na calada da noite não é coisa de somenos importância, particularmente se os únicos pacientes são César e sua mulher, embora até estes fossem só meio-pacientes, se quiseses: Julião ainda não se decidira quanto à relativa eficiência das técnicas de cura de Oribásio, à maneira de Asclépio, comparadas com a minha abordagem mais científica e hipocrática. Embora ficasse abalado por me tirarem da cama a tais horas, fiquei agradado por ele ter tido o bom senso de confiar nas minhas práticas, em vez de na falta de senso supersticiosa do meu amigável rival. Vesti-me à pressa e segui o mensageiro pelas ruas desertas, passando pelos sonolentos guardas do palácio com um aceno de cabeça e uma senha sussurrada, e pelos corredores escuros e silenciosos que levavam ao pequeno aposento de que Julião fizera seu escritório.

O espaço quase brilhava com a luminosidade do dia, à luz de trinta ou quarenta velas e pequenas lamparinas em cima de quaisquer prateleiras e parapeitos disponíveis, a formar longas estalactites, como numa gruta, da cera que gotejara nos últimos meses. Estava um escriba de rosto macilento e por escanhoar sentado num banquinho no canto, a pena caindo-lhe das mãos, a cabeça tombando-lhe para o peito, e mostrando uma mancha calva e cor-de-rosa no meio de uma melena de cabelo revoltado. Julião andava de um lado para o outro, a murmurar para si próprio como se compusesse uma carta de cabeça, e ignorando o ressonar e resfolegar do escriba junto ao canto.

— Bom-dia, Julião — saudei eu, sem saber se devia inquirir pela saúde dele ou pela de Helena.

Parou de andar e olhou para mim, o rosto também cansado e pálido, o cabelo desalinhado, como se tivesse acabado de acordar de uma das suas sextas três vezes ao dia. Sem uma palavra de saudação, veio até mim.

— Cesário, acreditas em espíritos?

A pergunta era tão estranha que não pude evitar desatar a rir, o que o indispos. Voltou a andar de um lado para o outro. Compus o semblante e sentei-me pesadamente num banco noutro canto, em frente ao escriba, a tentar rememorar contos infantis que ouvira outrora.

— Espíritos, Julião? — Perguntei, ainda a rir-me disfarçadamente. — Fantasmas e vampiros das lendas, lobisomens que vagueiam pelas estradas à noite? Vou voltar para a cama.

— Sim, sim... — murmurava ele algo envergonhado. — Não, não foi bem isso que eu quis dizer. — Nisto, parou e olhou-me ponderadamente um longo momento. Eu calei-me, sem saber bem o que dizer. Fora para isto que me acordara?

— Tive uma visão — disse, e tornou a parar.

— Talvez os teus hábitos de sono te estejam a perturbar? — Indaguei, perplexo.

— Não, não, não. Mandeí chamar-te, Cesário, porque esta noite tive um sonho, do qual acabei de despertar. Uma bela mulher aproximava-se de mim, de sorriso nos lábios e amor nos olhos, num vestido diáfano com uma longa cauda. Tinha um penteado que só vi nas esculturas das esposas dos antigos fundadores de Roma. Observei-a a aproximar-se, com um embrulho nos braços, que pensei ser um bebé.

Sufoquei um bocejo, pois a aurora começava a avermelhar o céu.

— Era a mera expectativa pelo facto de vires a ser pai, Julião — disse para o confortar. — Não há motivo para aflição.

Abanou a cabeça, exasperado.

— Não, Cesário, não me deixaste terminar. Aproximou-se e esticou os braços com o embrulho para mim, a sorrir. Quando lhe peguei, reparei que era invulgarmente pesado, e descobri ser uma cornucópia — o corno da abundância, a transbordar de fruta madura, figos e melões, trigo e milho, os intervalos cheios de moedas de ouro, peixe seco, ervas aromáticas, especiarias dos quatro cantos do mundo — tudo o que é preciso para viver.

Olhei-o, ainda perplexo mas cada vez mais inquieto. — Julião — disse calmamente —, tais sonhos são ímpios e indignos da tua ralação. Todos os homens os têm, mas só os pagãos ingénuos, videntes e oráculos e afins, é que lhes dariam importância. Se leres as Escrituras antes de adormeceres, sonhas com as obras de Cristo. Se leres lendas — sonhas com fantasmas.

Olhou-me, intrigado, e, pensei eu, com algum desdém, e não deixou o olhar mais que um momento antes de prosseguir a história, ignorando-me como se não o tivesse interrompido.

— Olhei para ela mais de perto — disse ele — e ela sorriu com doçura, e dentro de mim soube que ela era *genius publicus*, a divindade guardiã da

própria Roma, na forma de uma deusa; Cesário, vi-a com tanta clareza, tanta nitidez que ta posso descrever ao pormenor, o cabelo, as pestanas — dirias que ela está aqui connosco! Não foi sonho algum, asseguro-te. Foi realmente uma visão. E depois de deixar nos meus braços todas as riquezas do Império, virou-se lentamente e desapareceu.

Com isto a minha sonolência também tinha desaparecido, e olhei-o com uma admoestação severa.

— Disparate. Pedes-me que interprete um sonho que eu creio ser o simples produto de uma imaginação galopante e um estômago dispéptico. Não sou águere, Julião, sou médico. Somos cristãos, não adoramos os antigos deuses. Come alguma carne, ganha força nesses músculos, e afasta-te de lendas tontas antes de adormeceres. — Vi que o meu sermão estava a surtir pouco efeito, pois ainda olhava para mim, o rosto tão branco como quando eu chegara. — Mas de que poderias ter medo? — Continuei. — Na pior das hipóteses, não passa de um sonho.

Pesarosamente, virou-se e tornou a andar de um lado para o outro em silêncio, e as janelas de estuque branco assumiram gradualmente uma coloração rosada, com a luz que agora entrava oblíqua pela pequena janela ogival. Uma cruz diminuta, aparentemente pendurada na parede com o fim específico de apanhar os primeiros raios de Sol, brilhava na pedra polida. A luminosidade e o ar fresco que se faziam sentir contrastavam duramente com as olheiras de Julião, e com a expressão de dor do seu rosto.

— Não tenho medo — disse numa voz calma, enquanto fazia um gesto a despachar-me. — Só queria contar-te a minha visão. Vejo que foi uma perda de tempo.

## V

— OH, SANTÍSSIMO — GEMEU ELE.

— Não invoques o nome do Senhor em vão.

— Não estou a invocar, Cesário — estou a rezar.

Revirei os olhos e continuei a massajar o óleo de hortelã-pimenta no alto que lhe crescia na nuca, que já escanhoara e cosera com tripas de gato.

— A rezar. Deve ser novidade para ti, não é?

Ele virou a cabeça ligeiramente para olhar para mim com um ar funesto, de sobranceira levantada. — E essa deve ser a tua maneira de falar impertinente, especialmente para o teu César. — Riu-se e tentou virar mais a cabeça, mas fez uma careta de dor.

Deixei-me ficar calado, a concentrar-me na limpeza das ligaduras, e depois a arrumar os instrumentos. — Estás ferido em mais algum lado?

Ele suspirou pesarosamente. — Em cada músculo do corpo. Cesário, já passei mais tempo nestas semanas a olhar do chão para a verga de um cavalo, do que passei a montar.

Isto, pelo menos, era verdade, pois Salustiano recrutara Julião para treino intensivo de equitação, numa quinta isolada fora da cidade, que nos dava privacidade de espectadores curiosos por verem o progresso de César. Francamente, porém, não havia grande progresso. Pior, no meu próprio treino junto de Julião, eu estava a tornar-me num aluno muito dotado, o que só ampliava a inépcia dele. A nossa infância passada a montar em pêlo no cercado do vizinho, meu Irmão, dava frutos! O problema é que Julião nunca tinha montado a cavalo. Pois claro que viajara descansado em animais de transporte mansos, regra geral cuidadosamente orientado por um colega ou moço de estrebaria, e mesmo assim nunca acelerava além de um trote tranquilo. Agora, um cavalo de batalha, em condições de batalha? Nunca, e naquela idade, a propecta e enferrujada idade de vinte e quatro anos, era como tentar aprender uma língua depois da puberdade — aparentemente, impossível.

Só montar a besta era um talento que ele tinha dificuldade em dominar, e a pouca confiança que tivera antes de embarcar naquela aventura estava agora muito abalada. Só a cabeça lhe passava das espáduas dos cavalos francos que os oficiais romanos montam na Gália, e a equitação ao estilo persa, com um escravo denominado *strator* para o cavaleiro subir para a montada, não cumpria as normas de Salustiano. Já terás visto soldados em campo, meu Irmão — o truque está em abordar o animal do lado esquerdo, pegando nas rédeas e numa boa mão-cheia de crina junto às orelhas do cavalo. Depois, com a mão direita no meio da garupa, deves içar-te o suficiente para te deitares por cima dele, alçares a perna para o outro lado, e sentares-te. Pode ser coisa temível até para um cavaleiro treinado, embora a minha altura me facilitasse as coisas. Apesar de, no princípio, terem dado a Julião as pilecas mais mansas para ele praticar, conseguia sempre estragar tudo; ou batia com os joelhos nas costelas do animal, o que o fazia fugir; ou não se agarrava bem, e acabava com pedaços de crina nas mãos. Salustiano fazia caretas e abanava a cabeça com desagrado, obrigava Julião a montar uma e outra vez, desdenhando até ajudá-lo a levantar-se e sacudi-lo quando ele caía por baixo do animal. — Não terás ninguém em batalha para fazer isso — dizia objectivamente.

Julião levou dias a dominar a técnica, praticando de ambos os lados do cavalo, repara bem — e depois Salustiano atirou-lhe mais uma.

— A correr! — Gritou. — Vai!

Julião não se mexeu e olhou para ele, inexpressivo. — Montar com o cavalo a correr? — Perguntou, perplexo.

Salustiano parecia não compreender a dificuldade. Por fim falou, lentamente, como se para uma criança atrasada. — Não é o cavalo — disse. — És tu. Conodomário está à tua vista, ali, à tua frente. Foste apanhado sem montada, mas ele também, e podes apanhá-lo se souberes montar depressa. Agora corre e salta para cima do cavalo!

Julião tentou com valentia, de todas as maneiras possíveis — a saltar por detrás do cavalo, de lado como se subisse uma vedação — e não posso deixar de dizer que, durante muitos dias, os resultados foram pouquíssimos, meu Irmão, pois Julião simplesmente não tinha rapidez nem força para compensar a falta de altura, e embatia invariavelmente contra os flancos ou o rabo do cavalo, acabando por esgatanhar e marinhar por um animal completamente agitado. Salustiano até evitava olhar para ele, e eu também — concentrava-me mais ainda na minha própria montada. Só Paulo Correntes, que costumava esgueirar-se dos seus aposentos para assistir às sessões de treino, continuava a observar atentamente e a estalar a língua depois de cada tombo, até que Salustiano, exasperado, o mandava ir-se embora. Após vários dias de caretas perante o fracasso de Julião, Salustiano admitiu a derrota, pelo menos por enquanto.

— Voltaremos a montar mais tarde — resmungou, para enorme alívio de Julião. — Entretanto, vamos trabalhar na cavalgada propriamente dita. No que toca a montar, por agora és como um persa — e chamou um enorme escravo gaulês dos estábulos, que se dobrou para Julião o usar como degrau e montar assim com mais graciosidade.

A cavalo na batalha, meu Irmão, é de importância vital estar em boa forma, do porte da cabeça à posição dos pés. Já vi cavaleiros inexperientes em batalha que apertam os flancos do cavalo não só com as coxas, como deve ser, mas também com os artelhos, ficando com os pés rígidos contra as costelas do animal, em vez de deixarem as pernas soltas do joelho para baixo. Se as pernas assim rígidas baterem numa coisa dura, como um cepo ou uma pedra, ou até no joelho protegido de um cavaleiro inimigo que passe por eles, a perna parte-se como um ramo verde. Trata-se de uma lesão que, apesar de todos os milagres da ciência médica moderna, raramente sara como deve ser e geralmente deixa a vítima estropiada. Se a perna estiver descontraída do joelho para baixo, porém, acompanhará o movimento de um embate, sem que a coxa do cavaleiro ou ele mesmo mude de posição.

Do mesmo modo, há preceitos para carregar armas, para brandir o escudo, até para dispor a capa nos ombros e deixar cair a viseira nos olhos, para viabilizar com mais eficácia os esforços e constituir ameaça para o inimigo. Durante semanas, Julião foi treinado intensivamente no lançamento do dardo a cavalo, levando dois na mão esquerda por detrás



do escudo, enquanto Salustiano o acompanhava a cavalo também, a gritar instruções passo a passo e a dar-lhe mais armas.

— Ombro esquerdo para a frente, direito para trás — ótimo! Faz mira ao alvo — faz mira ao alvo, maldição, César, não ao cavalo! Agora, aperta as coxas e levanta-te para servires de alavanca... Não, estás alto de mais... NÃO!

Graças a Deus, meu Irmão, pelos chumaços e capacete que ele tinha nos treinos, pois foi muito castigado a aprender a ficar em cima das pernas e a atirar o dardo sem deixar que o cavalo lhe saísse debaixo — perdi a conta às equimoses e arranhões que ele teve, embora tivesse convertido um canto do estábulo em enfermaria, onde passei bom tempo a tratá-lo depois dos contratempos.

Julião progredia lentamente, e Salustiano passou a técnicas mais perigosas — armar e disparar o arco a cavalo, como os Hunos, de caras escuras; fazer o cavalo empinar para dar pontapés aos inimigos com os seus cascos afiados; e atacar ao estilo persa com uma cimitarra, arma muito mais eficaz para um cavaleiro do que uma espada recta. Com tal arma, César praticou num poste de carvalho do tamanho de um homem, que Salustiano espetara no meio da arena, e que depois vestiram com trajes e armaduras germânicos, e onde puseram um melão a fazer de cabeça. A prática da cimitarra a cavalo era demasiado perigosa com oponentes vivos, dado que não há escudo algum para proteger dos golpes; o que não era o caso para praticar lanças. Com uma bola de argila dura na ponta da lança, tais armas ficam menos mortíferas para treinar, embora não menos dolorosas quando se faz contacto.

O próprio Salustiano carregava repetidamente sobre Julião com a lança assim embotada, e Julião tentava defender-se com o escudo, e passava à ofensiva com a sua arma também embotada. Uma e outra vez, a ponta da lança de Salustiano embateu contra a armadura acolchoada de Julião, embora o experiente instrutor tivesse a destreza de desviar a arma no último momento, para que esta resvasse no corpo de Julião sem o derrubar do cavalo, o que o deixava ileso tirando um hematoma ensopado ou uma costela partida. No entanto, um belo dia, depois de Salustiano ter olhado em redor para ver se eu estava por ali, carregou a toda a brida sobre Julião, a ponta da lança a fazer círculos no ar em simulação, desviou-se do escudo que Julião brandia, e embateu em cheio no peito de Julião, projectando-o do cavalo e fazendo-o cair de costas no chão relvado. Julião ficou imóvel, enquanto o seu cavalo ia para o extremo oposto do cercado, como se tentasse descartar-se de culpas por aquele azar.

Saí a correr de onde estava a preparar-me para a minha própria sessão de luta com Salustiano, e ajoelhei-me ao pé de Julião. Para meu grande

alívio, depressa começou a tentar respirar. Ficara sem fôlego, e estava muito abalado, mas de resto ileso. Contudo, ainda estava tonto, e quase nem podia falar, quando Salustiano se aproximou calmamente a cavalo. O homem nem se ralou em desmontar, e eu olhei-o, furibundo e com ar acusador.

— Olha para ele! Querias matá-lo?

Salustiano olhou para Julião, impassível. — Sim — disse simplesmente.

Fiquei todo eriçado. — Deves estar a brincar.

— Estás a ver-me a rir?

— Tu nunca te ris.

— Nem brinco — retrucou.

Julião tentou soerguer-se. — Podia — podia — mandar prender-te por isto... — ofegou.

Salustiano olhou para baixo, com uma expressão de perplexidade fingida. — Por não brincar?

O rosto de Julião ficou vermelho de raiva e o fôlego voltou-lhe aos pulmões. — Por me tentares matar!

— Então prende-me.

Agora era a vez de Julião ficar perplexo.

— Devias agradecer-me por tentar matar-te — continuou Salustiano friamente — pois se eu não o tentar fazer agora, e falhar, alguém tentará de futuro e irá conseguir. E ainda me culpas?

— Raios te partam, Salustiano — resmungou Julião, e pôs-se de pé. — Onde está o meu cavalo?

Em privado, Salustiano mostrava admiração por ver o jovem César fazer o longo caminho de manhã até à quinta para mais instrução, por nunca se queixar de lhe doerem os músculos, nem dos galos na cabeça. Para grande satisfação de Salustiano, quando Julião desenvolveu finalmente um nível básico de força e destreza, as suas aptidões militares melhoraram espantosamente, e o que lhe faltava em capacidade física, ele compensava com astúcia e esperteza. Todavia, a sua maior frustração continuava a ser o acto de montar; aqui as aptidões dele continuavam embaraçosamente aquém, e este fracasso afectava directamente a confiança dele noutras áreas da equitação e do manejo de armas. Ao fim de várias semanas, porém, chegou o ferreiro do acampamento, trazendo com ele uma robusta lança de cavalaria que tinha um curioso complemento — um grosso gancho de ferro preso ao cabo com uma correia forte, e a cerca de metro e vinte da parte de baixo.

— Isto — disse Salustiano — é o teu *strator*.

No dia seguinte, quando Julião se preparava para ir até à quinta para retomar as aulas, pediu com um sorriso astuto que eu *não* o acompanhasse

por algum tempo. Embora surpreendido, presumi que fosse para lhe salvar a dignidade na aprendizagem de mais uma técnica impossível, e concordei sem protestar. Todavia, a alegria que trazia ao regressar do cercado a cada dia fazia-me pensar, e quando pude finalmente acompanhá-lo, várias semanas depois, fiquei siderado com o que os meus olhos viram. Lá estava Julião, calmamente, em traje de cavalaria completo, cota de malha que lhe chegava aos quadris, placas nas coxas, joelheiras e caneleiras, coroadado por um capacete de bronze de cara descoberta, pesando tudo isto quase trinta quilos. Tinham-lhe posto um escudo romano folheado a talha dourada, uma cimitarra ricamente ornada, e uma lança de oficial que resplandecia, com três metros e meio, com a madeira pintada macia e envernizada com um brilho de marfim. Estas armas estavam encostadas a um dos postes da vedação, como estariam em campo, salvo a cimitarra, que ele usava numa bainha na perna esquerda. O cavalo escarvava a terra nervosamente do outro lado do cercado.

Debrucei-me numa das traves a observar, o escravo do estábulo fez sinal e começou a bater num tambor, rítmica e regularmente. Julião foi buscar as armas enquanto apertava a armadura, e num único movimento fluido que me espantou pela graciosidade, levantou o pesado escudo para o ombro esquerdo e pegou na lança. Depois começou a correr para o cavalo, que também tinha armadura, até com placas de bronze no focinho e palas de ferro sobre os olhos para só poder ver em frente.

A princípio, Julião arrastava-se com a pesada armadura, mas ganhava gradualmente velocidade e ímpeto, e ouvia-se o escudo bater-lhe nas costas. Foi então que reparei numa coisa estranha — a lança que levava na mão direita, onde tinham posto o estranho gancho, estava ao contrário — a ponta estava virada para *trás*. Suspirei, e resignei-me a ver outra tentativa embaraçosa de Julião a demonstrar a sua competência nas armas.

Todavia, quando se aproximou do animal, que começava a ficar agitado e a escarvar por ouvir a ruidosa aproximação do seu cavaleiro, Julião espetou o grosso cabo da lança no chão, a cerca de um metro e vinte dos cascos do lado esquerdo do animal, e aproximou o corpo da madeira. A vara endireitou-se, ligeiramente flectida, e ele saltou no ar e içou-se, agarrando-se com as duas mãos. Depois pôs o pé esquerdo no gancho como se fosse o degrau de uma escada, levantou a perna direita, e deixou-se cair fácil e graciosamente na garupa do enorme cavalo, de armadura e tudo. No mesmo movimento, apertou os flancos do animal com os joelhos, fazendo com que este se empinasse, enquanto ele segurava calmamente as rédeas, firmemente com a mão direita, e virava o sentido da lança com a esquerda; depois empurrou a ponta afiada para a frente, colocou a vara na cabeça do cavalo, entre as orelhas, e partiu como uma flecha.

Eu estava estupefacto.

— Não há nada como quatro horas de prática por dia para melhorar — disse uma voz a meu lado. Era Salustiano, que se aproximara em silêncio enquanto eu observava.

— O gancho da lança é engenhoso — disse eu. — Desculpa ter duvidado de ti.

— Ideia dos espartanos — observou laconicamente, ignorando as minhas desculpas, enquanto víamos Julião trotar confiante pela arena. — Mandei fazer um para cada cavaleiro em Viena do Ródano.

Foi Julião, naturalmente, quem primeiro demonstrou a técnica do salto à vara perante a guarnição e as reservas, numa cerimónia que teve lugar na arena nessa Primavera para lançar a época de campanha. Os espadachins campeões da guarnição deram primeiro um espectáculo impressionante de espadas e escudos que haviam treinado o Inverno inteiro, e em que iam agora instruir os camaradas. Seguiram-se boxe e luta livre, e depois demonstrações de proezas de força entre companhias de infantaria. Por fim, o esquadrão de cavalaria, trajado com armaduras pesadas ornamentais, dividiu-se em duas equipas de vinte, que se diferenciavam pelas máscaras de verniz que retratavam Amazonas de coifas douradas e deuses olímpicos. Ao sinal, os dois lados soltaram um grito, e correram um para o outro na arena num galope ensurdecedor, embatendo nos oponentes com armas embotadas e numa nuvem de pó ofuscante, a tentarem ferozmente derrubar os adversários das suas montadas. A ferocidade das cargas era espantosa, e na altura, meu Irmão, eu mal podia acreditar que a batalha com os Alamanos pudesse vir a ser mais brutal. As pontas das lanças partiam-se na refrega e voavam para as bancadas, os escudos rachavam-se e despedaçavam-se com o impacto da colisão, e os homens que não se agarrassem bem aos cavalos com as pernas revestidas pela armadura eram atirados para o chão, onde reboavam para fugir dos cascos dos animais. Os que tombavam eram desclassificados, e só lhes restava levantarem-se e irem para a orla da arena, à espera do resultado do desafio. Os poucos que ficavam onde caíam tinham de ser arrastados para longe dali pelos assistentes.

Salustiano estava a cavalo numa ponta, era o árbitro, mas de lança e escudo pesado para se proteger dos cavaleiros que vagueavam por verem muito mal com as máscaras de tragédia. Várias vezes teve de espicaçar o cavalo para o meio deles, de gritar com eles e de os dividir, quando os ânimos ficavam acalorados e eles se recusavam a retirar para os cantos depois de cada refrega. Após uma dúzia de ataques ferozes, ao som dos clamores de mil veteranos excitados e meio bêbados, atribuiu por fim a coroa de louros aos dois cavaleiros que ainda estavam montados, ambos

da equipa dos Olímpicos — lanças quebradas e armaduras amolgadas a mostrar a sua bravura e força.

Salustiano ficou em posição enquanto varriam a arena e montavam a pista de obstáculos para o evento final, a mostra de equitação, em que Julião seria o último cavaleiro a participar. A intenção, claro, era observar o desempenho de Julião de perto, e dar instruções de que César pudesse precisar, embora tal assistência se tenha revelado desnecessária. Quando chegou a hora de Julião, este cavalgou para a arena numa armadura cerimonial com banho de ouro, ainda mais pesada do que aquela em que eu o tinha visto antes, e encimada por outra máscara de verniz que retratava uma divindade grega com a boca contorcida, e dois buraquinhos para os olhos.

Apesar destes fardos, a actuação dele logo calou as tropas cépticas que se tinham deixado levar por boatos e observações passadas e que esperavam uma demonstração desajeitada e simplista. Primeiro mostrou com destreza a inovadora técnica de montar dos dois lados do cavalo, e com cada salto limpo que ele dava para a garupa do nervoso garanhão, eu quase podia ouvir as bocas a abrirem-se de espanto em meu redor. Depois fez uma mostra extraordinária a cavalgar e à espadeirada, a serpentear pela sucessão de postes de carvalho que fora colocada em fila, entre poços, paredes de fogo, e outros obstáculos. As tropas, animadas agora pela aptidão que César mostrava, começaram a bater com os pés ritmadamente e a abafar assim todas as conversas. Julião correu o animal impecavelmente pelos marcos, a saltar vedações e a contornar espigões no chão, tudo disposto para simular as condições de batalha o mais fielmente possível. Quando se aproximou das forças inimigas a fingir, brandiu a cimitarra cintilante à luz do Sol e cortou vigorosamente de um lado e de outro, abrindo e demolindo as cabeças passivas com a lâmina, espalhando miolos que eram sementes de melão nas pernas e nos flancos do cavalo.

Os homens rugiam de aprovação, embora Julião ainda tivesse alguns cépticos. Mesmo à minha frente estava um centurião que aplaudia educadamente, mas o olhar continuava distraidamente na pista de obstáculos. — Porque é que ele corta fruta? — Murmurou para um colega quando os aplausos amainaram. — Não encontraram um cavaleiro para lutar com ele?

O amigo calou-o rapidamente. — Mas é César! Quem é que luta com César na arena? Se ganhares, perdes. Se perderes, perdes mesmo. Por isso é que ele corta melões. — A lógica era impecável.

Não obstante, a actuação de Julião era impressionante, particularmente dada a sua falta de competência meses antes, e o aplauso das tropas foi genuíno quando ele terminou a corrida de obstáculos e desfilou pela arena a

receber vivas. Para se exibir, até parou o cavalo subitamente e fê-lo empinar, brandindo a espada na imagem clássica do general romano vitorioso. Nisto, Salustiano abanou a cabeça, desagradado, e começou a trotar em direcção aos estábulos. O seu trabalho, por agora, estava concluído.

De súbito, assim que os aplausos começavam a amainar, Julião debruçou-se, ajeitou a máscara, e espicçou a montada. O cavalo saltou para a frente, revirou os olhos com a excitação, e as tropas calaram-se novamente na expectativa de mais uma exibição. César acelerou numa carga frontal, baixando a lança embotada que trouxera junto à anca na posição horizontal de ataque. Ao ouvir o som dos cascos atrás de si, Salustiano parou o seu cavalo e virou-se para ver que disparate iria Julião tentar fazer. No que tocava a Salustiano, a mostra terminara, mas pelo brilho nos olhos de Julião por detrás da máscara branca, pude ver que não era mostra alguma, e que Julião carregava a sério.

Salustiano espiou a carga do outro lado da arena, e com a facilidade do soldado treinado e um vago sorriso, ajeitou rapidamente o escudo e firmou a lança com a ponta de argila, enquanto espicçava o cavalo para galopar. Julião avançava a direito sem hesitar, o pesado escudo de bronze firmemente contra o apoio da coxa, a balouçar ligeiramente para a frente e para trás enquanto avaliava o arco da lança de Salustiano, simulando e brandindo a própria arma. Completamente concentrado, procurava a ligeira abertura, de forma convincente?, que lhe permitiria passar a ponta da lança além do escudo do adversário e tocar-lhe no rosto ou no peito.

As tropas calaram-se — a ponto de eu quase ouvir Julião a respirar e a resfolegar ritmicamente por detrás da máscara, quando os cavalos avançavam um para o outro. Com um floreado de pó e um estrondo, as duas armas embateram nos escudos opostos, e um bocado de lança foi projectado no ar e caiu entre a multidão. Com o choque brutal das armas, tanto as varas como os homens cederam e quebraram. Os cavalos de batalha, à rédea solta e sem os joelhos dos cavaleiros, continuaram no seu ímpeto selvagem e embateram um no outro, caindo numa pilha de cascos e dentes, a espumar e a relinchar. Os animais puseram-se de pé e trotaram para a orla da arena, e os dois homens ficaram imóveis onde tinham tombado. Comecei a empurrar as tropas, a abrir caminho para a arena, a fim de tratar as lesões que certamente encontraria. Porém, tal não foi preciso, pois primeiro Julião, e depois Salustiano, sentaram-se e depois puseram-se de pé, abalados e tontos debaixo do peso da armadura de cavalaria.

De imediato, e espontaneamente, as tropas levantaram-se e irromperam num altíssimo rugido, e Julião ergueu a máscara e agradeceu os aplausos com um sorriso cansado e um aceno, o sangue a escorrer-lhe de uma narina, pelo queixo abaixo, e a pingar na areia. Salustiano, também,

impassível como sempre, assentia para os soldados e aceitava a aclamação. Julião depois dobrou-se lentamente e apanhou a lança, a ponta partida com o tremendo impacto do escudo de Salustiano. Examinou-a pesaroso, e depois levantou-a bem alto numa espécie de continência, invocando mais vivas dos homens com aquele troféu da batalha simulada. Por fim, virou-se para Salustiano com uma expressão envergonhada, avançando para ele de braços abertos, como se fosse abraçá-lo em reconhecimento da sua coragem e perícia.

Não foi longe, embora para seu crédito o júri tenha considerado o golpe perfeitamente justo, e as gargalhadas roufenhas dos homens depois parecessem confirmar tal decisão. Quando Salustiano se curvou desajeitadamente, na armadura rígida, para apanhar a arma caída, Julião fez pontaria, e com uma arremetida da lança quebrada, tornou a derrubar ignominiosamente o espantado Salustiano de volta ao pó.

## VI

NA PRIMAVERA DO ANO HABITUALMENTE calculado como sendo 356 depois do nascimento de Nosso Senhor e 1091 depois da fundação da cidade de Roma, Salustiano, Julião e eu passámos os dias em acesas discussões no quartel-general, rodeados de uma enorme quantidade de mapas, pergaminhos amarrotados, e documentos de consulta, a organizar a campanha do ano vindouro. Muitas horas se passaram a consultar os vários tribunos e líderes de coortes das legiões, a conceber estratégias e a mudar destacamentos de tropas, a combinar postos de abastecimento e a rever interrogatórios a prisioneiros. Foi numa destas sessões que o velho eunuco Eutério entrou sem bater, o que provocou um olhar irritado por parte de Julião.

Esta quebra de protocolo, tão ínfima fosse qual fosse o prisma, ao ponto de nem merecer nota nesta crónica, foi, contudo, tão extraordinariamente inusitada no excelente Eutério que pede aqui uma pequena digressão.

Tal como o velho tutor Mardónio ou o médico Oribásio, não havia momento algum na vida do jovem César em que não tivesse aquele velho eunuco por perto, que já contava agora nove décadas de vida. O homem servira Constantino, tio de Julião, como camareiro-mor quarenta anos antes, e Constante, filho de Constantino, depois disso, e poderá parecer incrível dizer, mas embora fosse eunuco, era talvez o homem mais honrado, amável e digno de confiança que já conheci. Xenofonte observara há muito que, embora a castração nos animais lhes domestique a selvajaria, não lhes diminui a força nem o espírito; e alegou ele que, entre os homens, os que